

# INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, JORNALISMO E SERVIÇO SOCIAL UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Gisela Cardoso Teixeira

Roadie Crew: uma análise do heavy metal como notícia

Mariana 2014

# GISELA CARDOSO TEIXEIRA

# **ROADIE CREW:**

Uma análise do heavy metal como notícia

Monografia apresentada ao curso Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Frederico de Mello Brandão Tavares.

#### Resumo:

Esse trabalho de conclusão de curso tem o objetivo de analisar o que é noticiável para a produção e publicação de conteúdo na revista especializada em rock e heavy metal Roadie Crew. Além disso, a pesquisa tem o intuito de observar o circuito criado pela própria revista, levando em consideração os conceitos de circuito do jornalismo em geral, assim como o segmentado ao rock, e da cena musical heavy metal. Logo, também foram pautados os conceitos e características do jornalismo de rock, assim como do cenário heavy metal. Para esse estudo, foram analisadas as edições de 2013, procurando a observar, em um primeiro momento, os temas mais recorrentes na revista em suas variadas seções. Em seguida, foi possível notar que o acontecimento está localizado nas seções das entrevistas, notas informativas e resenhas. Porém, o resultado aponta que são as entrevistas que reúnem todos os acontecimentos espalhados ao longo da edição, servindo como dispositivo para o fluxo de seus conteúdos. O resultado final obtido sugere que os assuntos relacionados aos lançamentos de CDs, shows e celebrações de carreira são os mais recorrentes na revista, o que indica que sejam utilizados como fundamentos para selecionar aquilo que é considerado noticiável para a Roadie Crew. Já o circuito da revista passa por um processo de retroalimentação com o circuito heavy metal, no qual está inserida e extrai os fatos que poderão gerar o debate. E, após aproveitar as bases do circuito jornalístico para a criação de seu conteúdo, a Roadie Crew devolve ao seu circuito os mesmos acontecimentos, porém explicados de acordo com a voz de seus agentes envolvidos.

**Palavras-chave:** JORNALISMO DE ROCK; JORNALISMO CULTURAL; HEAVY METAL; ROCK; REVISTA; *ROADIE CREW*; CIRCUITOS.

#### Abstract

This final work aims to analyze what is newsworthy for producing and publishing content in the rock and heavy metal magazine *Roadie Crew*. Moreover, the research aims to observe the circuit created by the magazine itself, taking into account the concepts of journalism circuit in general, as well as the segmented the rock, and heavy metal music scene. Wherefore, the concepts and characteristics about rock journalism as well as the heavy metal scene were also explored. For this work, the editions from 2013 were analyzed, seeking to observe, at first, the most recurrent themes in the magazine in its various sections. Then, it was noticeable that the event is located in the sections of the interviews, news and reviews. However, the result shows that are the interviews that gather all events scattered throughout the edition, serving as a device for the flow of its content. The end result also suggests that issues related to releases of CDs, concerts and celebrations career are most prevalent in the magazine, indicating that they can be used as basis for selecting what is considered newsworthy for *Roadie Crew*. Since the circuit magazine undergoes a feedback process with the heavy metal circuit in which it is inserted and where it extracts the events that may generate debate. And, after also avail the foundations of journalistic circuit for the creation of your content, the Roadie Crew returns to its circuit with the same events, but now with explained events according to the voice of their involved agents.

**Keywords:** ROCK OF JOURNALISM; CULTURAL JOURNALISM; HEAVY METAL; ROCK; MAGAZINE; *ROADIE CREW*; CIRCUITS.

# LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Capas da Roadie Crew	22
Figura 2: Exemplo de "grande entrevista"	35
Figura 3: A seção "Cenário" da <i>Roadie Crew</i>	41
Figura 4: A seção "Releases" da <i>Roadie Crew</i> (resenhas de CDs, DVDs,EPs)	
Figura 5: A seção "Live Evil" (resenha de shows)	

# **SUMÁRIO**

1. Introdução	7
2. O Heavy Metal em sua mídia	
2.1 Heavy Metal: origens e características	
2.2 O Heavy Metal no Brasil	
2.3 Jornalismo de rock	17
2.4. Histórico e cenário das revistas de rock no Brasil (1960 a 2000)	18
2.5. Roadie Crew	21
3. Conceitos de circuito: do meio jornalístico ao cenário heavy metal	25
3.1 Definições de circuito	25
3.2 O circuito heavy metal	27
3.3 O circuito Roadie Crew	30
4. Entrevistas, notícias e resenhas na Roadie Crew	32
4.1 As entrevistas na <i>Roadie Crew</i> : conceitos, aplicações e classificações	32
4.1.1 As entrevistas da seção "Cenário"	36
4.1.2 As grandes entrevistas	
4.2. As notas informativas da seção "Cenário"	
4.3. As resenhas na Roadie Crew	43
5. O movimento dos temas das pautas na Roadie Crew	47
5.1. O lançamento como notícia	48
5.2. O espetáculo em pauta	57
5.3. O resgate histórico como tema em entrevista	62
5.4. A cena e os gêneros em debate	69
6. O fluxo e o debate dos conteúdos na Roadie Crew	76
7. Considerações finais	79
Referências bibliográficas	82

# 1. Introdução

Este projeto surgiu pelo interesse em produzir um trabalho com uma temática relacionada ao heavy metal, mas dentro de uma perspectiva jornalística – lembrando que o heavy metal se tornou, ao longo dos anos, não apenas um gênero musical de dimensão global, mas também um estilo de vida que vem conquistando adeptos desde as suas origens datadas no início dos anos 1970. E, com o seu surgimento, também nasce a mídia segmentada ao heavy metal, que irá atender aos interesses do público consumidor desse gênero musical, mas a partir de seus fundamentos de seleção de conteúdo, transmitindo aquilo que é considerado noticiável.

O veículo midiático escolhido para a análise é a revista brasileira *Roadie Crew*. Um dos motivos que justifica a escolha deste objeto de pesquisa é o fato de ser considerado um dos meios especializados em rock e heavy metal de maior influência no Brasil, sendo acompanhado por muitos leitores fãs de heavy metal há anos – inclusive pela própria autora deste trabalho: como seguidora do movimento heavy metal desde sua pré-adolescência (o que também justifica a escolha do tema), o seu primeiro contato com a revista aconteceu muito antes da graduação, e se deu justamente pelo fato de ser um veículo comunicacional em evidência na cena heavy metal brasileira. Mais especificamente, a *Roadie Crew* foi sugerida pelos leitores para aquela que ainda não tinha conhecimento sobre a revista.

Também vale lembrar que o conteúdo da *Roadie Crew* gera debates e assuntos entre os membros da tribo. Logo, surge o interesse em fazer um estudo sobre como se dá a produção do conteúdo da revista, voltado aos critérios utilizados para selecionar as bandas do estilo e seus respectivos feitos, para serem transformados em pautas jornalísticas em seguida.

Com o surgimento de novos temas corriqueiros dentro de um determinado grupo, o jornalismo decidiu atender a estes novos interesses, criando, assim, meios específicos para abordá-los — já que no espaço da mídia em geral, tais assuntos nem sempre são detalhadamente tratados, além de não possuir certa frequência. Neste caso, a segmentação surge como uma estratégia, gerada pela percepção de que os consumidores têm necessidades distintas. Além disso, "é através da expressão das diferenças que cada grupo procura legitimar e dar visibilidade à causa. Exatamente porque buscam essa visibilidade é que podem ser identificados como segmentos de mercado" (MIRA, 2004, p.256).

Sendo assim, o jornalismo especializado "beneficia a elaboração do conteúdo informativo, ao mesmo tempo em que colabora para uma construção do discurso mais apropriada ao receptor" (ABIAHY, 2000, p.26). Consequentemente, os profissionais que

lidam com uma especialização necessitam de uma preparação, que consiste em uma carga de conhecimento relacionada ao tema específico.

Vale ressaltar que uma das principais contribuições do jornalismo especializado é a valorização de temas que seriam considerados de menor importância tanto para a maioria do público em geral, como também para a grande mídia. No entanto, com a própria visão do especializado sobre os públicos diferenciados, são elaboradas mensagens de acordo com a identidade dos receptores.

Em contrapartida, no material informativo em geral, segundo Traquina (2008), há os critérios de noticiabilidade que influenciam na produção do conteúdo jornalístico. Tais critérios são explicados em algumas teorias, como a do Gatekeeper e a organizacional. Além disso, há os valores-notícia que se classificam em critérios substantivos (notoriedade, proximidade, relevância, novidade), contextuais (visualidade, disponibilidade) e de construção (simplificação, amplificação, personalização).

O fluxo dos temas nas edições de determinado meio também serve para analisar os seus fundamentos de seleção. Ou seja, os assuntos que surgem e reaparecem ao longo das edições dentro de um período de tempo podem ajudar a traçar o seu sistema editorial, levando, então, aos seus critérios. Vale lembrar que debates poderão ser produzidos entre os agentes sobre estes assuntos, o que também é importante para ser analisado.

Logo, seria interessante uma pesquisa sobre determinado veículo especializado, a fim de analisar os seus critérios de seleção e outras particularidades. Pois, no meio acadêmico, observa-se que não há muitos estudos detalhados e direcionados exclusivamente a um veículo especializado. O contrário ocorre no caso do heavy metal em si: há mais pesquisas direcionadas a esse gênero musical capaz de organizar um grupo sociocultural, como abordam os autores Leão (1997), Janotti Junior (2006) e Cardoso Filho (2008), por exemplo. Um trabalho nesta outra linha poderia contribuir para a comunidade científica pelo fato de apresentar um tema que ainda não é muito explorado, e até poder complementar os poucos artigos e teses que já trataram do assunto.

Entre os variados segmentos do jornalismo especializado que, segundo Erbolato (1981) estão organizados em editorias, está o jornalismo cultural. Este, por sua vez, discorre fatos relacionados à música, teatro, artes, crenças, cinema e derivados que estão voltados ao entretenimento. De acordo com Piza (2011), o jornalismo cultural também se difere das demais editorias pelo fato de abordar o seu conteúdo por meio de um direcionamento mais opinativo - ou seja, com o uso da crítica. Essa especialização também recorre a outros formatos que não dependem necessariamente de agilidade na publicação – como o caso da

hard news – sendo eles colunas de opinião, entrevistas e perfis. Em relação à questão da periodicidade, que varia a cada veículo, os jornalistas desta área tendem a ser bem seletivos, preocupados em atender um público qualificado. Assim sendo, volta-se à questão da combinação de gêneros e temas.

Contudo, vale notar que dentro do próprio jornalismo cultural também há suas especializações, direcionadas a temas ainda mais distintos. Um exemplo desse fato é o jornalismo musical, o qual corresponde aos interesses do grupo consumidor de música, adotando, então, uma linguagem adequada para lidar com tais receptores. Porém, devido aos variados segmentos dentro de um mesmo tema, as especializações tendem a se diversificar ainda mais. Como a música, que possui vários estilos e entre eles está o rock e suas vertentes, em que foi criado um jornalismo especialmente direcionado a este gênero musical.

Considerado como um "braço" do jornalismo musical, o jornalismo de rock surgiu a partir da necessidade de criar uma linguagem para atender o novo público que surgia em meados da década de 1960 – época em que o movimento rock'n'roll eclodia. Como uma vertente do jornalismo cultural, o jornalismo de rock é basicamente composto por conteúdos de caráter opinativo, como entrevistas, notas, notícias e resenhas (FROTA, 2012, p.5). Além disso, ainda relacionando com as características do jornalismo cultural,

quem continuou a desempenhar papel fundamental no jornalismo cultural foram as revistas, incluindo na categoria os tabloides literários semanais ou quinzenais. Em todo momento de muita agitação intelectual e artística do século XX, em toda cidade que vivia efervescência cultural, a presença de diversas revistas — com ensaios, resenhas, críticas, reportagens, perfis, entrevistas, além da publicação de contos e poemas — era ostensiva. (PIZA, 2011, p. 19).

Tanto o jornalismo de rock internacional como o nacional se consolidaram através do impresso, mais especificamente pelas revistas. No Brasil, a *Roadie Crew*, especializada exclusivamente em heavy metal e classic rock, é uma revista mensal e mais prestigiada no cenário do país.

Em circulação desde 1997, o conteúdo da *Roadie Crew* é composto, em sua maioria, por entrevistas e resenhas de shows e lançamentos em CDs, DVDs, EPs e entre outros. Além do mais, este material oferecido pela revista gira em torno exclusivamente das bandas e seu produto cultural oferecido ao público. Sendo assim, esta pesquisa questiona quais são os fundamentos da revista que selecionam determinadas bandas e artistas do circuito heavy metal em suas publicações, levando em consideração o cenário em que está presente.

Em relação ao mundo acadêmico, a *Roadie Crew* chega a ser mencionada em algumas

pesquisas, e até mesmo serve de objeto em companhia de outros, como nas análises de Saldanha (2005), Silva (2008) e Mafra (2013). No entanto, ainda são escassas aquelas que abordam minuciosamente a revista, pautando algum de seus aspectos distintos.

A *Roadie Crew*, como um meio de referência no jornalismo de rock brasileiro, sua abordagem trabalhada em pesquisa pode, além de divulgar o seu nome na academia (o que colabora para aqueles que também têm interesse em estudar sobre a revista ou o jornalismo de rock), contribuir para o enriquecimento da comunidade científica, oferecendo um trabalho com um tema relativamente novo.

Além daqueles que se interessam a analisar de forma detalhada algo atrelado ao jornalismo de rock, há também o desejo de trabalhar profissionalmente na área, como na própria *Roadie Crew*. Logo, um trabalho sobre os fundamentos que influenciam na seleção e produção do conteúdo da revista pode servir como forma de conhecimento sobre o funcionamento profissional do veículo em relação à sua especialidade – assim como as teorias do jornalismo servem para explicar o desempenho do mercado de trabalho jornalístico das grandes mídias.

Também é interessante mencionar que o conceito de circuito, tanto do jornalismo quanto o heavy metal, serão levados em consideração neste trabalho. Em termos gerais, segundo as definições dos dicionários, circuito pode ser entendido como um sistema em que há uma sucessão de fatos e convenções que determinam o seu espaço. Em relação ao conceito do circuito das notícias defendido por Santi Jr. (2009), a sua representação é constituída ao longo de um esquema composto pelos estágios de produção, textos e recepção.

Assim como o meio jornalístico, o gênero musical em questão também possui seu circuito, o qual é permeado por convenções e acontecimentos que o definem. As ideias defendidas pelo movimento, que logo são refletidas na temática das letras das músicas, os acontecimentos relacionados às bandas e seu mercado fonográfico são alguns dos aspectos que ajudam a compor o circuito heavy metal. E, como pertencente ao circuito heavy metal, a *Roadie Crew* agrega os valores e conceitos deste meio em que está inserida e, logo, cria seu próprio circuito jornalístico-cultural por meio de suas publicações.

O apanhado conceitual mencionado anteriormente sobre o jornalismo especializado e suas variantes serve para inserir e analisar o padrão da *Roadie Crew* com as características principais deste tipo de jornalismo. Para esta pesquisa, serão analisadas as doze edições de um ano – sendo 2013 o escolhido – que correspondem aos meses de janeiro a dezembro. O período determinado para a seleção do material se justifica pelos acontecimentos que, em sua maioria, foram impactantes no circuito heavy metal no último ano como, por exemplo, o

lançamento do álbum de retorno do *Black Sabbath* – uma das bandas mais aclamadas na cena heavy metal – e sua vinda ao Brasil.

O acontecimento pode ser compreendido como situações de mudança que "afetam o espaço em que as pessoas vivem e, por consequência, quem as percebe tende a procurar explicações e interpretações acerca do evento" (FRANÇA & ALMEIDA, 2008, p.18). E, no cenário heavy metal, também há os acontecimentos que podem ser considerados impactantes na cena musical, os quais giram em torno principalmente das bandas e outras personalidades influentes do gênero. Como, por exemplo, o anúncio do fim das atividades de determinada banda, que pode gerar comoção entre os fãs os quais, em seguida, procurarão por melhores esclarecimentos a respeito do fato que não haverá mais shows ou lançamentos de discos desse grupo musical que, de certa forma, os influenciava.

Metodologicamente, foram mapeadas, em um primeiro momento, as bandas que mais apareceram na *Roadie Crew* no ano de 2013 nas seções de notícias, entrevistas e resenhas de shows e lançamentos, assim como a sua regularidade nas edições e como se dão as abordagens de seus temas.

A partir desta primeira observação, foi decidido que um dos recortes do material para este projeto são as entrevistas, já que os acontecimentos - os quais também aparecem nas notícias e resenhas - estão reunidos nesta seção da revista. Ou seja, a entrevista atua como ponto de encontro dos assuntos mais recorrentes e espalhados ao longo da edição. Tais acontecimentos — constituídos por lançamentos de CDs, vindas de bandas ao Brasil e outros eventos que interferem no cotidiano dos adeptos à cultura heavy metal — são transformados em pautas que, logo, serão destrinchados por meio das perguntas feitas pelos jornalistas aos agentes dos acontecimentos, transmitindo, assim, informações mais completas ao seu público. E, já que os temas que aparecem nas entrevistas também podem surgir em outras seções da revista, conforme mencionado, serão observadas as notas informativas e resenhas, para que possa chegar ao circuito da revista como um todo.

Mesmo se tratando de um meio especializado e voltado a um público específico, a *Roadie Crew* possui os seus critérios que influenciam na seleção e produção de seu conteúdo. Além disso, vale investigar qual o circuito criado pela *Roadie Crew*, e o que ele representa dentro do próprio heavy metal – considerando que a tribo metal é um sistema fechado, onde a revista utiliza os seus acontecimentos como matéria-prima para o seu conteúdo. Em uma visão geral das revistas, considerando a relação entre os eventos que permeiam um contexto e os processos midiáticos,

processo interacional no qual mídia e público atuaram de modo recíproco, um incidindo na construção do outro. Nesse sentido, se privilegiamos a dimensão da relação e o caráter (inter)subjetivo que perpassa a realidade social, pensar a revista e sua circulação implica considerar a reflexividade que permeia esse processo (TAVARES & SCHWAAB, 2013, p.37).

Para traçar o significado destes fundamentos e o circuito criado pela revista, foi levada em consideração a disposição das bandas no vasto conteúdo da revista, além de investigar os próprios critérios no produto, dando foco à linha editorial, viabilidade, periodicidade, abordagem e as características particulares da *Roadie Crew* em seu cenário. E, já que um meio especializado atende à demanda de um público, também é importante analisar o seu contato e relação com os seus leitores (que, claramente, se tratam de fãs de heavy metal) e sua representatividade no contexto em que está inserida.

Os primeiros capítulos deste trabalho consistem em uma contextualização e teorização dos conceitos em torno do heavy metal em geral. Mais precisamente, o primeiro capítulo traz um breve apanhando histórico do heavy metal no mundo, e também no Brasil, pautando suas origens e características.

Levando em consideração o heavy metal como um fenômeno musical de nível mundial, suas características colaboram para a criação de sua mídia especializada. Logo, serão pautados os principais aspectos do chamado jornalismo de rock de forma generalizada, até chegar a esta especialização no Brasil, também fazendo um resgate histórico das revistas de rock no país — chamando atenção ao fato que o jornalismo de rock brasileiro se consolidou por meio do impresso. Nesta mesma parte da pesquisa, o objeto de estudo, a revista *Roadie Crew*, também será descrito, apontando as características que a compõe ao longo de suas seções para um melhor estudo.

Já que a pesquisa procura analisar o circuito em que a *Roadie Crew* está inserida, assim como o circuito criado pela revista, no terceiro capítulo, serão abordados os conceitos de circuito no meio jornalístico e heavy metal. Iniciando de forma mais genérica, serão discutidos os conceitos de circuito, mais relacionados ao meio jornalístico em si. No circuito heavy metal, são apresentadas suas características que o definem, indo até o próprio circuito da *Roadie Crew*.

No quarto capítulo, considerando as entrevistas, resenhas e notas informativas como os elementos para a análise desta pesquisa, seus conceitos, aplicações e classificações gerais serão estudados, já que tais métodos poderão servir para a análise crítica do objeto em questão.

O estudo do material começará a ser feito por meio de uma análise de conteúdo,

observando as bandas que mais apareceram na *Roadie Crew* em 2013 nas seções de notícias, entrevistas e resenhas de shows e lançamentos, além de sua frequência ao longo das edições deste período. Logo, o resultado desta primeira análise sugere que o ponto de encontro dos temas que organizam a *Roadie Crew* esteja entrevistas. Então, será questionado como tais acontecimentos e seus respectivos agentes no circuito heavy metal são transformados em pautas e como se dão suas abordagens, além de seu fluxo na edição em outras seções da revista - lembrando-se dos fundamentos de seleção da revista que poderão ser vistos através da análise das entrevistas, notícias e resenhas - e qual o circuito criado pela *Roadie Crew* por meio de suas publicações.

No capítulo seguinte, será mostrada a análise dos assuntos que são mais recorrentes nas pautas da *Roadie Crew*, e como é tratado em meio ao processo de comunicação entre entrevistador e fonte. O sexto capítulo, por sua vez, pretende apresentar reflexões a respeito do fluxo e debate dos conteúdos da *Roadie Crew* que foram observados durante o processo de análise.

Por fim, o último capítulo consiste em uma conclusão que buscará a responder as questões levantadas a respeito dos critérios de noticiabilidade da *Roadie Crew*, assim como o seu circuito, sendo o resultado da análise desta pesquisa.

# 2. O Heavy Metal em sua mídia

## 2.1. Heavy Metal: origens e características

Com sua origem datada no fim da década de 1960, na Inglaterra, o heavy metal se popularizou em meados da década de 1980. O estilo, basicamente, surgiu a partir das influências do blues e rock psicodélico, com complexos riffs e solos de guitarras — estes geralmente longos — batidas enfáticas, e refrões marcantes. De acordo com Frota (2012), "o que diferencia o heavy metal dos demais estilos são as guitarras distorcidas, utilização de muito pedal e a alternância de andamentos rápidos e lentos, enquanto nos demais estilos a guitarra seguidamente apenas acompanha a musicalidade e o contexto da melodia".

Na década de 1970, surgiram as bandas *Led Zeppelin*, *Black Sabbath* e *Deep Purple*, as quais são consideradas os pais do heavy metal. No entanto, muitos pesquisadores, músicos e fãs concordam que a percussora do gênero em si é a *Black Sabbath*, justamente pelo fato de ter sido a primeira banda a fazer um álbum completo cheio de riffs complexos, andamentos longos e acordes pesados. Durante este período, Silva (2008) diz que "o rock espelhou a desilusão da geração paz e amor na agressividade do heavy metal e, posteriormente do desespero niilista do punk".

O termo "heavy metal" também ainda permanece uma incógnita. Em uma tradução direta, significa "metal pesado", mas relacionado aos elementos químicos da tabela periódica, como o chumbo e o mercúrio. O historiador Ian Christe (2004) relaciona o termo à linguagem hippie da década de 1960, remetendo a um tipo de estado de espírito pesado e opressivo, como o metal. Na música, a expressão apareceu pela primeira vez em "Born To Be Wild", da banda Steppenwolf, em 1968. Já a Rolling Stone Encyclopaedia of Rock'n'Roll afirma que, no sentido musical, "heavy metal" foi popularizado pelo crítico Lester Bangs — quando ele resenhou um álbum do Black Sabbath para a revista Creem, em 1972. No entanto, o jornalista Mike Saunders, também da Creem, diz ter usado a expressão um ano antes, ao criticar um CD da banda Sir Lord Baltimore. Curiosamente, a expressão foi usada por alguns críticos como uma forma depreciativa. No entanto, mais adiante, o heavy metal se tornaria sinônimo de um subgênero do rock com guitarras distorcidas e batidas pesadas.

Os apreciadores do estilo também foram denominados. Os termos em inglês "headbanger" e "metalhead" são usados para designar os seguidores do heavy metal e suas vertentes. Etimologicamente, "headbanger" foi criado a partir do hábito dos fãs balançarem as cabeças ao ouvir as músicas, enquanto "metalhead" se origina do próprio gênero musical.

No Brasil, são popularmente conhecidos como "metaleiros" – termo utilizado pela primeira vez pela Rede Globo durante as transmissões da primeira edição do Rock in Rio, em 1985. Em relação ao visual, cabelos compridos, casacos de couro, coletes jeans, patches e camisetas de bandas de metal provam a identificação na subcultura.

Com a sua popularização na década de 1980, surgiu a cena "New Wave of British Heavy Metal" (Nova Onda do Heavy Metal britânico) – que apesar do nome, o movimento repercutiu mundialmente. Ao contrário da primeira geração do estilo, as bandas oitentistas deixaram de lado a influência do blues, e adicionando elementos com mais peso e velocidade. Iron Maiden, Saxon, Venom e Angel Witch são alguns representantes deste novo cenário.

Ao longo dos anos, com a crescente popularização do heavy metal, nasceu uma série de subgêneros, como o *thrash metal, black metal, death metal, power metal, doom metal, folk metal, groove metal, new metal*, etc. No documentário *Metal: A Headbanger's Journey*, o antropólogo e cineasta Sam Dunn documenta a progressão de 24 subgêneros de metal que surgiram ao passar do tempo, enquanto também tenta listar os principais exemplos de bandas que se enquadram em cada categoria – começando com o *early metal* (1966 – 1971) até a *New Wave of American Metal* (2000 – presente).

Contudo, o cenário heavy metal não se restringe apenas a uma perspectiva musical. Segundo Silva (2006), "Weinstein (1991/2000) identificou que além do aspecto sonoro, o heavy metal é um fenômeno cultural com um código próprio que também contempla uma instância visual e verbal". Acrescentando, o heavy metal "movimenta e hipnotiza jovens de todos os cantos do mundo com grande intensidade e fervor. É a única corrente do Rock a ter penetração imediata nos mais distantes recantos do planeta, pois seu apelo é universal, primitivo, simples e direto" (LEÃO, 1997, p. 18). Com o heavy metal, muitas pessoas criam seus estilos de vida, trazendo um pouco desse gênero musical para o seu cotidiano.

## 2.2. O Heavy Metal no Brasil

Com a repercussão mundial do heavy metal durante a década de 1980, o gênero também se estabeleceu no Brasil neste mesmo período. A banda paraense *Stress* é considerada a primeira a lançar um álbum de metal no país, em 1982. Enquanto isso, outras bandas iam surgindo pelo Brasil, principalmente nas grandes capitais, como em Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro.

Nesta época, de acordo com Frota (2012), "o metal se popularizava entre jovens brancos e de classe média, pois a aquisição de CDs e LPs custava um valor elevado, pois

eram em sua maioria importados". Com a nova face do consumismo da população – voltado ao consumo cultural após o período militar – começaram a surgir as primeiras lojas de discos brasileiras, como a Baratos Afins, em São Paulo, e a Cogumelo Records, em Belo Horizonte. Além de trazerem o material das bandas internacionais para o Brasil, estes empreendimentos funcionavam como selo – ou seja, lançavam o material das bandas brasileiras independentes. A Cogumelo Records, por exemplo, fundada em 1982, foi a responsável pelo lançamento de grandes bandas da cena mineira, como *Sepultura, Overdose, Sarcófago* e *Chakal*.

Muitos consideram o fato da primeira edição do Rock in Rio, em 1985, ter colaborado fortemente com a difusão do heavy metal no Brasil. O evento trouxe grandes bandas internacionais, como *AC/DC*, *Ozzy Osbourne* e *Scorpions*, para um público que, até então, só tinha contato por meio dos discos que, conforme mencionado anteriormente, ainda eram escassos. Além disso, a grande cobertura midiática sobre o festival, principalmente a cargo da Rede Globo, também teve uma participação na divulgação do gênero no Brasil, em que grande parte da população ainda não tinha muito conhecimento.

Na década de 1990, com o mercado já estabelecido, houve uma melhor divisão entre os estilos musicais, como o *punk, heavy metal* e a *new wave*. Também, naquela época, surgia o *grunge*, encarado como um estilo que ofuscava comercialmente o heavy metal na época. Além disto, outras mudanças que se acarretaram neste período foram a substituição do LP pelo CD, a decadência do vinil, e a queda de vendas do CD – o que pode ser considerado um reflexo do início da pirataria física e digital. Mas, apesar da má fase comercial, novas bandas também afloraram em meio à década, como *Dorsal Atlântica, Headhunter D.C* e *Sextrash*.

Além disso, em 1991, aconteceu a segunda edição do Rock in Rio que "se tornou importante por contribuir para a consolidação de uma banda de *thrash* metal brasileira, o *Sepultura*. A banda, que até então era conhecida pela mídia internacional, passou a ser conhecida também no país de origem e pela mídia especializada no gênero" (FROTA, 2012, p.4).

Mesmo com a contínua queda das vendas das produtoras nos anos 2000, o heavy metal reconquistou o seu sucesso comercial. Além das bandas internacionais que sempre faziam sucesso no Brasil, houve uma maior valorização das bandas nacionais, firmando um marco da sobrevivência do mercado underground. Algumas bandas deste período são *Sociedade Armanda, Drowned* e *Sarcasmo*.

Com a expansão do heavy metal, tanto no Brasil como no mundo, foi necessária a criação de veículos midiáticos que atendessem aos interesses do grupo consumidor deste gênero musical - surgindo, então, um jornalismo moldado a partir das características do

cenário heavy metal e seus adeptos.

#### 2.3. Jornalismo de rock

Entre os variados segmentos do jornalismo cultural está o jornalismo de rock, também considerado um "braço" do chamado jornalismo musical. O jornalismo de rock, ou *Rock Journalism*, se iniciou a partir da necessidade de criar uma linguagem para atender o novo público que surgia a meados da década de 1960 – época em que o movimento rock'n'roll eclodia.

De acordo com Saldanha (2005), as modificações "de se fazer jornalismo" para aquela parcela da população se deram empiricamente: já que houve uma mudança de interesses, tais alterações atingiram o processo de produção de pautas, e até mesmo a redação – considerando que o público de rock não estava interessado nos formalismos do jornalismo clássico.

Ainda, segundo o autor, o *Rock Journalism* é o estilo passional, com forte pretensão literária e extremamente parcial desenvolvido por John Mendelssohn, Richard Meltzer, Nick Toshes e, principalmente, por Lester Bangs. Sendo assim, Saldanha defende a ideia que o *Rock Journalism* alterou a maneira de se ver a crítica musical que, até então, estava presa em uma obrigação de imparcialidade. Curiosamente, certa vez, o guitarrista estadunidense Frank Zappa disse que "o jornalismo de rock envolve gente que não sabe escrever, entrevistando gente que não sabe falar, para gente que não sabe ler".

Tanto o rock quanto às suas subdivisões - como no caso, o heavy metal - são estilos musicais que nunca tiveram grandes percepções na mídia. No entanto, esta "marginalização" do gênero serviu como força para que o jornalismo de rock procurasse por sua independência, por meio da criação de seus próprios meios com base na linguagem e interesses de seu público. Além do mais, "enquanto a mídia de massa tende a diluir as particularidades do heavy metal ou tratá-las com estranhamento, os meios segmentados buscam uma aproximação maior com seu público, valorizando e fortalecendo as singularidades e os padrões tradicionais do gênero" (WEINSTEIN, 1991, p.101).

Segundo Frota (2012), o jornalismo de rock é basicamente composto por entrevistas, notas, notícias e resenhas. Devido à popularização da internet, o jornalismo de rock e de metal cresceu bastante, fazendo com que as informações chegassem mais rápidas a todos. Porém, inicialmente, o jornalismo de rock se consolidou no impresso que, a princípio, tratava-se fanzines que, em sua maioria, se tornaram revistas. Outro ponto levantado é o fato de ser um jornalismo feito por fãs para fãs.

A despeito de outros segmentos da mídia contarem com profissionais formados em jornalismo ou editoração, a imprensa especializada em rock, no Brasil e em outros países, na maioria, é conduzida por fãs de rock. [...] Por um lado, a imparcialidade jornalística era desconsiderada. Por outro, colaboradores estranhos à profissão, mas motivados pela paixão catalisaram a ideologia, a genuína percepção do senso compartilhado com fãs de rock. Essas pessoas expressavam as ideias, o entendimento e a identidade dos grupos aglutinados em torno do gênero musical enfocado pelas publicações (BRANDINI, 2004, p.117).

Tratando-se de um meio da área do jornalismo cultural, Daniel Piza (2011) acredita que as revistas desempenham um papel fundamental na área cultural, oferecendo uma vasta gama de conteúdo, como resenhas, críticas (a "espinha dorsal" do jornalismo cultural, segundo o autor), notícias, perfis, entrevistas, etc.

O primeiro meio de jornalismo de rock, tal como é conhecido atualmente, é a revista norte-americana *Rolling Stone*, lançada em 1967. Já no Brasil, a principal publicação foi a revista *Bizz*, que circulou entre 1985 e 2001, e com um breve retorno de 2005 a 2007. No Brasil, o jornalismo de rock também começou na década de 1960, com a Revista de Rock, que trazia fotos, fofocas, biografías e letras. A revista "serviu para dar rosto às vozes que só eram conhecidas através do rádio" (FROTA, 2012, p.6). No entanto, só foi em 1972 que surgiu o primeiro produto mais aproximado dos moldes atuais: a versão brasileira da revista norte-americana *Rolling Stone*.

Na década de 1970, o jornalismo de rock se tornou ainda mais especializado, pois, segundo Frota, "os jornalistas dessa década foram criados pelo rock dos anos 70 na sua adolescência". Nesta época, surgiu a *Rock Brigade*. Ainda como fanzine, foi primeira publicação impressa brasileira especializada em heavy metal, que logo depois se tornaria uma revista. Em seguida, em 1985, surgiu a *Bizz*, a mais célebre publicação de rock brasileira. Por fim, na década seguinte, surgiu a *Roadie Crew* – mais precisamente em 1997, que se tornaria a revista do segmento heavy metal e classic rock de maior circulação no país, e mais prestigiada pelos fãs do estilo.

## 2.4. Histórico e cenário das revistas de rock no Brasil (1960 a 2000)

A primeira revista brasileira especializada em rock'n'roll foi a *Revista do Rock*, tendo a sua primeira publicação datada em agosto de 1960, editada pela jornalista e compositora Janette Adib. Segundo Saldanha (2005), algumas revistas já abordavam o tema, mas não de forma exclusiva em sua linha editorial, como a *Eu Canto*, de 1959. Além disso, é interessante

notar que

o público do Rock'n' Roll na década de 60 ainda não era bem definido para a indústria editorial. O adolescente era um segmento novo do mercado, surgido após a segunda metade da década de 50, com a recuperação financeira e psicológica dos estragos da II Grande Guerra. No Brasil, saído da ditadura Vargas, o empresariado ainda começava, timidamente, a explorar essa parcela dos consumidores (SALDANHA, 2005, p.25).

Considerando a *Revista do Rock* como o primeiro produto exclusivamente sobre o gênero, a revista era composta por fofocas, fotos dos artistas, pequenas biografias, letras das músicas e traduções dos sucessos estrangeiros, e um espaço para o fã entrar em contato. Em relação à linguagem, ela "tencionava uma intimidade entre leitores e revista" (SALDANHA, 2005, p.26), mas ainda não empregava muito as gírias – que já começavam a aparecer na crítica musical da época. A *Revista do Rock* circulou até 1974, e outras que seguiam o mesmo direcionamento neste período foram *Baby Face*, *Rock News* e *Os reis do Iê-iê-iê*.

Na década de 1970, conforme dito anteriormente, a imprensa musical brasileira se revolucionou com a chegada da versão brasileira da revista estadunidense *Rolling Stone*, no ano de 1972. A grande mudança nos padrões do jornalismo de rock se deu pelo fato que, a partir daquele momento, o conteúdo seria produzido por uma geração que tinha crescido com o rock, além de não precisar usufruir das gírias para se aproximar de seu público alvo. Outro aspecto inédito na *Rolling Stone* é a visão crítica do rock como uma arte e estilo de vida, e não um produto cultural que seria simplesmente esquecido após o seu declínio nas rádios.

A crítica especializada também se constitui como um campo privilegiado para a agregação de valores e estabelecimento de limites para o formato canção. Como parte considerável da produção de sentido no âmbito da música popular massiva ocorre a partir do exercício de discussão sobre modos particulares de apropriação da canção e de ideologias de audição (como ouvir um som corretamente), o crítico se apresenta como aquele detentor de um repertório cultural privilegiado para estabelecer os parâmetros dessas discussões. Revistas especializadas, como a *Rolling Stone*, principal revista de crítica musical contemporânea, costumam ter sua gênese em antigos fanzines e referendam a prática "pedagógica" de mostrar ao consumidor o que ouvir e como ouvir. (CARDOSO FILHO, 2006, p.24).

No mesmo período, seguindo os padrões estilísticos da *Rolling Stone*, surgiu o *Jornal de Música e Som*, que começou como um veículo independente. A revista também tinha um contrato com a inglesa *Melody Maker*, que autorizava publicar o seu material traduzido, permitindo, assim, o público brasileiro ter contato com o cenário da música mundial. O *Jornal de Música e Som* é considerado um dos "primeiros veículos a abrir as portas para artistas iniciantes do Rock Nacional" (SALDANHA, 2005, p.27).

Se a geração da década de 1970 era composta por jovens que tinham conhecido o rock durante a adolescência, os jornalistas dos anos 1980 eram os primeiros a crescerem praticamente mergulhados no circuito do rock. Com a criação de diversos fanzines no final da década passada, foi criada uma linguagem específica com o forte uso de gírias, mas não com o objetivo de conquistar a audiência (conforme faziam os veteranos em 1960) - e sim como um reflexo do próprio público, que agora atuava como redator. Sendo assim, já é para se ter uma ideia que o jornalismo de rock começou a se profissionalizar a partir deste período – lembrando que heavy metal teve o seu auge nesta mesma época.

Muitos *zines* evoluíram e se transformaram em revistas, como é o caso da *Rock Brigade*. Fundada em fevereiro de 1981, a *Rock Brigade* foi a primeira revista brasileira especializada em heavy metal. Logo, em 1983, surge a revista *Roll*, que também herdava a linguagem dos fanzines, mas abordava bandas mais aceitas comercialmente no mercado fonográfico geral. Esta, por sua vez, serviu de inspiração para a *Bizz* – dita a mais importante publicação de rock brasileira.

Dotada de uma linguagem mais leve, a *Bizz* foi um sucesso de vendas que trazia aos brasileiros as novidades da música mundial. Ao longo do tempo, a *Bizz* foi se adaptando às mudanças do mercado fonográfico. Consequentemente, a partir do início dos anos 1990, também passou a abordar a música pop e outras novidades da época, como o recém-nascido *grunge*.

De acordo com Saldanha (2005), "o início da década de 90 foi marcado pelo surgimento de uma segunda leva de revistas segmentadas, seguindo a fórmula da *Rock Brigade*". De acordo com o autor, foram poucas as que conseguiram continuar no mercado, sendo que a maioria durou apenas um ou dois anos. Inicialmente, os destaques da época foram a *Backstage* e a *Top Rock*.

A *Backstage*, lançada oficialmente em formato de revista em maio de 1992, tinha como proposta a cobertura de fatos relacionados ao heavy metal e suas vertentes, o *grunge* e o *punk rock*. Em julho do mesmo ano, a *Top Rock* chegou às bancas com o slogan "A revista feita de metal", abordando os mesmos gêneros musicais que a *Backstage*, mas acrescentando o *hard rock*.

É interessante notar que as publicações noventistas eram mais voltadas às mudanças do cenário do rock mundial, e a revista *Bizz* é o melhor exemplo deste novo panorama. Em 1995, com uma nova editora – a Editora Azul - a revista passa a se chamar *Showbizz*, e ganha um formato maior e uma nova diagramação. Outra novidade foi que a publicação começou a

abordar temas além da música, como cinema, sexo, comportamento e moda. No entanto, com a má recepção, não demorou muito para que a revista voltasse a se concentrar prioritariamente à música.

Em meio à década, surgiu uma nova leva de revistas, sendo estas mais fiéis aos gêneros musicais de sua linha editorial, sem se deixar levar pelos sucessos comerciais da época. Alguns exemplos são: a *Metalhead* (1994), que tinha como proposta inicial o heavy metal, em especial as suas vertentes *thrash metal* e *death metal*; a *Rock Press* (1995), que cobria o *indie rock* e cena independente nacional; a *Valhalla Metal Maganize* (1996), destaque às bandas de *gothic metal* e heavy metal melódico; e a *Roadie Crew* (1997), que com o seu selo na capa "Aviso: Heavy Metal explícito" já dispensa comentários. Abordando todas as vertentes do estilo, e também o *classic rock*, a revista se tornou a publicação brasileira de maior circulação sobre o gênero.

#### 2.5. Roadie Crew

Distribuída em todo o Brasil desde 1997, a *Roadie Crew* é uma revista mensal, de publicação independente, especializada em heavy metal e classic rock, sendo a mais notória no cenário brasileiro. Além disso, a publicação também circula em Portugal.

A sua equipe é formada atualmente por dois editores-chefes, um diretor administrativo, um redator-chefe, um redator e um diagramador. Porém, boa parte do conteúdo da revista é produzida pelos colaboradores, totalizando 27 em 2013 (sendo quatro deles correspondentes no exterior: um na Alemanha, um no Canadá e dois nos Estados Unidos), além de outros que participam em algumas edições, mas não pertencem "efetivamente" à equipe. Assim como alguns membros da chefia da redação, nem todos os colaboradores são jornalistas diplomados — além do mais, o importante é ter domínio na escrita e no assunto abordado de suas pautas. É interessante ressaltar que a sua equipe é constituída por fãs de rock e heavy metal que escrevem para fãs de rock e heavy metal.

A revista possui, ao todo, 98 páginas coloridas, com exceção das edições especiais, que possuem 114 páginas. Em seu sumário (chamado *containers*), a *Roadie Crew* apresenta as seguintes seções: Cenário, *Roadie Mail, Blind Fear,* as entrevistas com o nome de suas respectivas bandas ou artistas, *Hidden Tracks, Eternal Idols, Releases CD/DVD/Blu-ray, Garage Demos, Classicover, Backstage, Classic Crew, Live Evil, Playlist, Collection, Background, Dark Side, Stay Heavy Report e Profilie. A revista também possui uma carta do* 

editor e um pôster.



**Figura 1: Capas da** *Roadie Crew* Esquerda: edição 168; janeiro de 2013. Direita: edição 174; junho de 2013.

Na edição 168 – a primeira do ano de 2013 – o editor-chefe Airton Diniz redigiu uma carta para explicar algumas mudanças na revista, em relação à capa e à estrutura da seção de notícias que, até então, vigoravam nos últimos anos. Entre as principais modificações está a utilização da logo da capa na versão horizontal (na cor amarela). Porém, o editor deixa claro que a antiga logo (a versão vertical em vermelho) não foi desativada, podendo ser utilizada quando for esteticamente conveniente. A seção "Cenário" passou a substituir a antiga *Roadie News*, à qual trazia um noticiário do último mês, mas com curtas matérias e, na maioria delas, sem fotos ou ilustrações. Sendo alterada, a seção passou a ser um espaço onde as informações são publicadas de modo mais detalhado e com fotos, além de acomodar entrevistas curtas que, segundo o editor, "requeiram agilidade na divulgação de alguma informação de interesse imediato".

Sobre as outras seções, a *Blind Fear* traz um artista ou personalidade em que escuta trechos de uma música em dez diferentes álbuns e tenta identificar quem está tocando, fazendo comentários livres. A *Hidden Tracks* apresenta bandas com poucos registros e que encerraram as atividades, mesmo tendo um grande potencial. Já em *Eternal Idols*, são

abordados ídolos do rock/metal já falecidos, que deixaram seu legado, servindo de referência para outros músicos.

Como o próprio nome sugere, em *Releases CD/DVD/Blu-ray*, a seção traz resenhas dos últimos lançamentos nacionais e internacionais. A *Garage Demos* também apresenta resenhas, mas de *demos* de bandas que ainda estão em ascensão. Em *Classicover*, conta a história de um *cover* (gravação de uma música previamente gravada), feito tanto por bandas de renome como pelas mais desconhecidas.

A *Backstage* é redigida pelo colaborador Vitão Bonesso, também apresentador do *Programa Backstage* (Kiss FM) e diretor da rádio de mesmo nome. Na seção, o redator traz em partes a cada edição a história de um determinado acontecimento ou ídolo do cenário heavy metal.

Na *Classicrew*, apresentam álbuns lançados há quarenta a vinte anos, de cujo valor foi posto à prova do tempo, os tornando clássicos. E, dando continuidade ao conteúdo de caráter opinativo, a seção *Live Evil* traz resenhas de shows nacionais e internacionais que aconteceram recentemente no Brasil. Na *Collection*, um dos integrantes da equipe *Roadie Crew* resenha todos os álbuns de uma determinada banda, classificando-os nos grupos "imperdíveis", "excelentes", "bons" e "cuidado".

A *Background*, assim como a seção *Backstage*, também é dividida em partes (capítulos) ao longo das edições da revista – mas esta, por sua vez, traz a história de uma determinada banda, ressaltando alguns acontecimentos curiosos em sua carreira. E, também semelhante ao espaço do Vitão Bonesso, a seção *Stay Heavy Report* é uma espécie de extensão do programa de TV *Stay Heavy*, apresentado por Cíntia Diniz e Vinícius Neves. Nesta seção, os apresentadores pautam sua opinião sobre determinado tema, ou até mesmo relatam os bastidores das coberturas de seu programa.

Por fim, a seção *Profilie* traz um artista ou personalidade que responde diretamente a perguntas sobre álbuns, músicas e bandas de sua preferência.

Também é importante lembrar que a *Roadie Crew* também traz edições especiais, geralmente em comemoração a uma determinada data, se concentrando em torno de um tema específico. Como, por exemplo, em 2013, a *Roadie Crew* lançou duas edições especiais. Em maio, a edição 162 trouxe os "60 grandes álbuns do Metal brasileiro". Já em dezembro, a 169 foi especial aos "100 grandes álbuns de estreia".

De acordo com Scalzo (2006), o jornalismo de revista se destina a públicos específicos, aprofundando em determinados assuntos. Logo, surge a revista segmentada, a qual oferece conteúdo de um interesse específico do leitor - ao contrário das revistas

variedades (*magazines*), que aprofundam em outros temas. Além disso, o texto em revista é mais livre, em comparação a outros meios de comunicação impressos, com o teor mais opinativo, o que pode estar relacionado à sua periodicidade.

Entre as revistas segmentadas, está a especialização em música. E, conforme observado nos conceitos propostos sobre o jornalismo cultural e o resgate das revistas de rock brasileiras, esse tipo de revista é principalmente composta por entrevistas e resenhas, ponderando o tipo opinativo, e pode ter como foco um tipo de gênero musical específico.

Ao analisar a *Roadie Crew*, é possível perceber a sua segmentação ao público interessado na música heavy metal por meio de seus temas relacionados ao gênero musical e suas ramificações, além do predomínio das resenhas e entrevistas em suas páginas.

Também se pode observar que os circuitos, os quais envolvem a *Roadie Crew*, servem como núcleo para a análise da estrutura e organização de seu conteúdo, sendo eles o jornalístico, o do heavy metal - no qual a revista está inserida -, e circuito criado pela própria *Roadie Crew*.

# 3. Conceitos de circuito: do meio jornalístico ao cenário heavy metal

Já que o jornalismo de rock pode ser visto como uma especialização de uma (e para uma) cena musical, acredita-se que seja preciso uma conexão entre os elementos e fatores que fundamentam e circulam no âmbito jornalístico e no cenário do gênero musical em questão. Por essa razão, é necessário analisar tais elementos que circundam e desencadeiam constantemente as dinâmicas dentro do processo jornalístico, assim como aqueles da cena heavy metal, que logo irão ajudar a constituir o jornalismo de rock do objeto de análise desta pesquisa.

Estes fatos e convenções que determinam um espaço podem ser conceituados como circuito. E, como poderá ser observado nos capítulos a seguir, as noções de circuito jornalístico não só se baseiam em critérios de noticialibidade, como também em uma cadeia de produção de sentido entre comunicador, fonte e receptor. Já o circuito heavy metal - que também pode ser comparado ao conceito de "cena" - possui suas pilares nos acontecimentos, ideologias, costumes e outros fatores que caracterizam a sua tribo. Logo, pode ser possível observar que há uma interação entre os circuitos para chegar ao meio de comunicação especializado.

Considerando a revista *Roadie Crew* como um meio jornalístico que está inserido em uma cena musical, e direcionará o seu conteúdo aos seus membros, também vale analisar sua estrutura e critérios de seleção para, então, observar qual será seu circuito criado e oferecido ao seu cenário heavy metal.

## 3.1. Definições de circuito

Em um significado mais literal, entendem-se como circuito aquilo que circunda ou rodeia, proporcionando uma sucessão de fenômenos periódicos em um determinado espaço. E, nesta sua determinada área, um fluxo de fatos e convenções determina seu contexto.

No circuito das notícias, por exemplo, Santi Jr. (2009) defende a ideia que suas representações são movimentadas ao longo da cadeia *produção – textos – leituras*. E, além disso, há diferentes momentos dentro deste próprio sistema, pois, segundo Hall (2003, p.388),

enquanto cada um dos momentos [do processo comunicativo], em articulação, é necessário ao circuito como um todo, nenhum momento consegue garantir inteiramente o próximo, com o qual está articulado. Já que cada momento tem sua própria modalidade e condições de existência, cada um pode constituir sua própria ruptura ou interrupção da "passagem das formas", de cuja continuidade o fluxo de continuação efetiva (isto é, a

## "reprodução") depende.

Tomando os argumentos de Hall como pontos de partida, Escosteguy (2007), por sua vez, fundamenta a ideia da "comunicação como estrutura sustentada por uma articulação entre momentos distintos – produção, distribuição e consumo – onde cada momento tem condições próprias de existência". Logo, Santi Jr. (2009) afirma que, mesmo que cada momento possa articular entre si, nenhum é capaz de antecipar a existência do outro.

Ainda, de acordo com o autor, dentro do circuito das notícias, o sistema de *produção* – *texto* – *leitura* junto com as suas diferentes instâncias constituintes (produtores, textos e leitores) "são determinantes na circulação dos valores simbólicos regentes da atividade e do processo dos diversos campos sociais, configurando e/ou desenhando o processo comunicativo de maneira conveniente e em sua totalidade" (2009, p.28).

A percepção do jornalismo, conforme o modelo do "Circuito das Notícias", como uma prática sociocultural, e o texto como um produto

é fundamental para que a análise dos fenômenos informacionais contemporâneos tenham no conceito de representação uma centralidade. Nesta linha, Johnson (1999), será a conjugação entre diferentes instâncias – produção, consumo, representação e identidade – quem vai determinar a circularidade de valores simbólicos regentes da atividade e do processo de significação dos diversos campos sociais (SANTI JR, 2009, p.29).

Uma relação mais específica entre produção e audiência também é pontuada como fundamental dentro do sistema do jornalismo, como no caso das revistas. Partindo dos princípios propostos por Prada (2011), as revistas criam um espaço comum para o seu público que, segundo Tavares e Schwaab (2013, p.41),

dessa configuração, ater-nos comunicativamente a dois processos: um reconhece os dissensos e consensos existentes na relação dessa mídia com sua audiência, permeada por aspectos cognitivos e estéticos; e outro diz respeito à interação propriamente dita, que instaura e é instaurada por um circuito, cujos elementos, menos que pensados politicamente, podem ser vistos por aquilo que está no próprio movimento dos sujeitos e agentes.

Sendo assim, questiona-se como a revista comunica com o seu público, levando em evidência o seu contexto em geral - como um meio que provoca um fluxo de fatos e debates em seu circuito, ao mesmo tempo em que seu produto é construído a partir de sua inserção neste espaço.

# 3.2. O circuito heavy metal

Ao longo dos anos, o heavy metal não só se desenvolveu como um gênero musical, mas também um estilo de vida que, desde o seu surgimento nos anos 1970, vem conquistando mais seguidores. Já de início, é interessante mencionar que a palavra "circuito" no heavy metal é substituída por "cena" ou "cenário" - sendo a primeira a mais comum no diálogo de seus integrantes. A "cena" se remete ao contexto do movimento, levando em consideração o seu espaço geográfico e os acontecimentos que permeiam o seu social.

Considerado um movimento cultural norteado pelo estilo musical em questão, os indivíduos que compõe esse grupo, de acordo com Senra (2013), compartilham noções de moralidade, às quais são erguidas justamente sobre a relação do Sujeito (o grupo) com o Objeto (a música). No entanto, entre os conceitos morais defendidos pelo grupo, o próprio termo "cultura" entra em questão.

Segundo Canclini (1997), todas as culturas possuem formas próprias de organização e características distintas – como é o caso do gênero musical abordado nesta pesquisa. Porém, o heavy metal é mais encarado como uma contracultura ao invés de uma cultura em si - conceituando uma contracultura como aquilo que vai à direção contrária dos valores vigentes da sociedade, e da cultura de massa (onde entra o consumo da música pop). Os temas nas letras de músicas, das bandas em maioria, são provas deste fato.

Levando em consideração o subgênero e as particularidades das bandas, temas que abordam críticas sociopolíticas e religiosas, rebeldia e liberdade (e outros conceitos que se remetem às ideias anarquistas) são recorrentes nas letras de suas músicas. Um exemplo, em especial, é a vertente *black metal*. O "metal negro", em uma tradução mais direta, defende os ideais das crenças satanistas – e até mesmo pensamentos niilistas - como uma analogia contra os valores vigentes de sua sociedade majoritariamente cristã. Porém, há também os conceitos que se diferem desta lógica, como relacionados à mitologia. Mas, por fim, as temáticas abordadas pelas bandas representam as ideais defendidas e simpatizadas pelos integrantes que compõe a tribo heavy metal.

Jeffrey Jensen Arnett (1996) utiliza o termo "subcultura da alienação" para caracterizar a cena heavy metal com seu próprio código de autenticidade. Segundo o autor, este código coloca várias exigências sobre os artistas: eles devem parecer completamente dedicados à música e leais à subcultura, e devem ser desinteressados ao apelo popular (como se tornar hits de rádio), além de nunca "se vender ao sistema" - isso também promove uma

"oposição à autoridade estabelecida e separação do resto da sociedade" (ARNETT, 1996, p.64). Além disso, ainda segundo Arnett, estudiosos de heavy metal notaram a tendência dos fãs em classificar e rejeitar alguns artistas e outros fãs como "posers", os quais "fingem ser parte da subcultura, mas são considerados sem autenticidade e sinceridade".

Já em relação à sua identificação como subcultura, Weinstein (1991) afirma que a mídia possui um papel importante neste requisito. Segundo a autora, a identidade vai muito além das experiências compartilhadas em shows e elementos comuns de vestimenta, mas também com publicações direcionadas exclusivamente ao gênero.

Considerando o acontecimento como situações que alteram o cotidiano, modificando o espaço onde os indivíduos vivem, o que consequentemente leva ao debate (FRANÇA & ALMEIDA, 2008), no heavy metal também há os seus eventos particulares que repercutem e moldam o social de seus integrantes.

Pode-se observar que os acontecimentos que mais cercam o cenário heavy metal giram em torno dos artistas e seus respectivos feitos, os quais poderão impactar em seu contexto. Como, por exemplo, o lançamento de um novo CD, ou sobre a vinda de determinada banda ao Brasil. Trata-se de acontecimentos pré-anunciados, mas que irão repercutir na comunidade – como se a divulgação servisse para preparar o sujeito para a chegada de tal acontecimento.

O "inesperado" também está presente entre os assuntos que causam debates na cena heavy metal. A morte de algum artista ou personalidade do gênero, a repentina mudança na formação de uma banda (ou o anúncio de uma pausa em suas atividades), e a explosão de uma determinada banda nas redes sociais e no mercado fonográfico são exemplos corriqueiros de eventos inesperados que abalam o circuito da tribo.

Anualmente, o *Whiplash*! – o mais acessado site brasileiro de notícias de rock e heavy metal – realiza uma votação, intitulada "melhores do ano". Na pesquisa, os internautas votam nos artistas e bandas nacionais e internacionais que se destacaram no ano, seguindo as categorias de melhor banda, guitarrista, baixista, baterista, vocalista e tecladista. Porém, é interessante notar que o portal também questiona quais foram os melhores e os piores acontecimentos que ocorreram no período. Em 2013, por exemplo, "a melhor coisa que aconteceu" foi a volta do *Black Sabbath* e o seu show no Brasil, eleito com 40,99% dos votos. O retorno do festival *Monsters Of Rock* ao país (19,43%), a volta da banda *Angra* com o vocalista Fabio Lione (16,58%), o festival Rock in Rio (16,35%) e o retorno da banda *Dark Avenger* à ativa (6,16%) seguiram a primeira colocação. Já a "pior coisa que aconteceu em 2013" foi, em primeiro lugar, a morte do guitarrista Jeff Hanneman, da banda *Slayer* (45,2%), liderando o *Kiara Rocks* no Rock in Rio (23,93%), a explosão da banda *Ghost* no mercado

fonográfico (19,90%) e a morte de Lou Reed (10,42%). Esta análise da enquete realizada pelo *Whiplash!* serve como ilustração dos acontecimentos corriqueiros que mais impactam no cenário heavy metal nacional e internacional.

Em uma era dominada pela internet, o mercado fonográfico voltado ao heavy metal ainda permanece forte. De acordo com o jornalista Luiz Filipe Tavares (2009), a cultura de colecionar CDs, e até mesmo discos de vinil, é o que sustenta esta indústria.

Por exemplo, a preferência pelo item colecionável, uma edição especial em disco, versões importadas e relançamentos torna o mercado do metal um dos meios mais competitivos e perenes da indústria, já que gozam de um público realmente fiel, que tem interesse em artistas e gêneros bastante específicos" (TAVARES, 2009).

Ainda, segundo o jornalista, as gravadoras de heavy metal possuem certa independência dos grandes meios e do mercado fonográfico em geral, já que o seu produto é voltado exclusivamente a um público segmentado. No entanto, dentro do próprio circuito mercadológico do heavy metal há certa divisão entre o *mainstream* e o *underground*.

No caso do Heavy Metal, uma relação tensiva com o consumo amplo e com a cultura *underground* demarcará toda sua trajetória enquanto gênero, isso porque alguns de seus subgêneros herdam a ambição *underground* de música não-comercial, de músicas independentes, cuja função é proporcionar prazer para um segmento específico de público e não ao grande público de maneira ampla, enquanto outros mobilizam elementos mais vinculados à sonoridade da música pop. Herdam uma proposta poética do grotesco e do excesso e ideal de música autêntica em contraposição às músicas cooptadas, que se constituem como elementos determinantes no processo de construção e consumo dos produtos (CARDOSO FILHO, 2008, pg.28).

Em relação ao *mainstream*, podem-se destacar as grandes gravadoras de nível mundial, como a *Nuclear Blast Records* (Alemanha), *Century Media Records* (Alemanha), *Metal Blade Records* (Estados Unidos) e *Roadrunner Records* (Holanda). Estas gravadoras, assim como grandes empresas multinacionais, possuem sua sede no local de origem, mas também filiais em outros lugares pelo mundo, onde estabelecerá um melhor contato com as bandas de seu catálogo em seus respectivos países.

O denominado *mainstream* (que pode ser traduzido como "fluxo Principal") abriga escolhas de produção reconhecidamente eficientes, dialogando com elementos de músicas consagradas e com sucesso relativamente garantido. Ele também implica uma circulação associada a outros meios de comunicação de massa, como a TV (através de videoclipes), o cinema (as trilhas sonoras) ou mesmo a Internet (recursos de imagem, *plug ins* e *wallpapers*). Conseqüentemente, o repertório necessário para o consumo de produtos *mainstream* está disponível de maneira ampla aos ouvintes. As condições de produção e reconhecimento desses produtos são bem diferenciadas, fator que explica o processo de circulação em dimensão ampla

#### e não segmentada (CARDOSO FILHO, 2008, p.54).

Já no caso *underground*, há as gravadoras independentes que não possuem a mesma dimensão geográfica e cultural das *mainstream*, mas proporcionam um sistema eficaz de divulgação do material de suas bandas. "Um produto *underground* é quase sempre definido como obra autêntica, produto não-comercial. Sua circulação está associada a pequenos fanzines, divulgação alternativa, etc". (CARDOSO FILHO, 2008). Além disso, há também as bandas que optam pelo lançamento de seu material sem um selo de divulgação.

Assim como todo grupo composto por indivíduos que compartilham ideias e preferências semelhantes, cria-se um sentimento de união e pertencimento dentro do movimento heavy metal. No Brasil, por exemplo, a cena heavy metal vem recebendo campanhas para a valorização do cenário local, como a divulgação de bandas nacionais, preferencialmente as *underground*, incentivando o público a comparecer aos eventos e consumir seus produtos. Esta iniciativa, criada pelos seus próprios membros, serve como exemplo ao fato da união e os valores que regem no circuito heavy metal brasileiro.

#### 3.3. O circuito Roadie Crew

Considerada como um dos maiores expoentes midiáticos do heavy metal brasileiro, o circuito criado pela *Roadie Crew* não só envolve os acontecimentos e outras particularidades que permeiam o meio do metal, mas também aspectos do circuito jornalístico.

Conforme mencionado anteriormente, no cenário heavy metal, há ocorridos que moldam o contexto dos membros da tribo. E tais acontecimentos podem ser vistos como "alimento" da *Roadie Crew* para que, em seguida, possa produzir o seu conteúdo.

Partindo do sistema de *produção* – *textos* – *leitura*, defendido por Santi Jr. (2009), a execução do produto da *Roadie Crew* também pode ser baseada neste esquema. O primeiro estágio da produção pode ser considerado a partir das bandas e outros agentes do cenário heavy metal que lançam determinadas informações e outros fatos que poderão impactar em seu meio. Logo, cabe aos critérios da revista selecionar quais acontecimentos que serão transformados em pautas e conteúdos.

Em relação aos seus fundamentos que selecionam as bandas e seus respectivos feitos para serem transformados em pautas – o que esta pesquisa também questiona – podem estar relacionados às particularidades da revista, como sua linha editorial, periodicidade, e até mesmo sua representatividade no meio em que está inserida. Também pode ser levado em

conta a sua relação com o fã, e até mesmo as bandas de acordo com sua contextualização.

Já que o material da *Roadie Crew*, em sua maioria, consiste em resenhas e entrevistas, a disposição das bandas na revista se encontra nestas seções. Assim sendo, tais categorias se aplicam aos textos que Santi (2009) sugere no sistema do circuito jornalístico.

É interessante observar que, entre as variadas seções dentro da *Roadie Crew*, são as entrevistas que acionam o acontecimento do circuito heavy metal ao circuito jornalístico criado pela revista. Ao mesmo tempo em que as entrevistas podem apresentar informações sobre determinado fato, também podem trazer um conteúdo de caráter opinativo – não apenas focando a opinião do entrevistado, como também a do entrevistador.

Também é importante notar que as entrevistas não são um elemento isolado na revista, pois, ao observar a disposição e frequência das bandas na revista – ou em edições de certo período delimitado – pode chegar à ideia que as entrevistas estão ligadas às outras seções. Como, por exemplo, em uma entrevista com determinada banda, a pauta é sobre o lançamento de um CD. Logo, na mesma edição, o CD desta mesma banda pode aparecer na categoria de resenhas de álbuns. Ou então, o assunto é sobre um futuro show no Brasil, e em uma edição posterior, pode haver uma crítica sobre a apresentação desta banda.

O circuito *Roadie Crew* pode ser entendido como um resultado das características e fatos do circuito heavy metal, em que a própria revista está inserida, mescladas com os do circuito jornalístico. No entanto, a *Roadie Crew* também traz suas particularidades, que consistem em seus fundamentos que selecionarão determinadas bandas, e que enquadram seus respectivos acontecimentos, sendo transformados em pautas jornalísticas.

Já que a entrevista pode ser considerada como um ponto de encontro dos temas que constituem a *Roadie Crew*, vale analisar a sua estrutura e a abordagem de suas pautas. Na maioria das vezes, a entrevista pode ser considerada apenas como uma maneira eficaz para obter respostas pré-pautadas em um questionário. Mas, para poder abrandar a consciência profissional do jornalista, é preciso discutir a técnica da entrevista.

O próximo capítulo consiste em apresentar os conceitos sobre entrevistas, assim como suas classificações, a fim de identificar e compreender a estrutura dos questionários na *Roadie Crew*. Além disso, já que as entrevistas estão ligadas às notas e resenhas, também serão levados em consideração alguns fundamentos e características a respeito das notícias e críticas, o que pode ajudar a mostrar o seu circuito em si.

# 4. Entrevistas, notícias e resenhas na Roadie Crew

De acordo com a sua periodicidade, nem sempre as revistas podem disponibilizar um conteúdo factual. Por isso, algumas delas recorrem a outros recursos que possam fornecer um material jornalístico, mas que não exijam agilidade em sua publicação – e, geralmente, optam por textos de caráter mais livre e opinativo, mas que também possam informar. E um destes gêneros presentes nas revistas é a entrevista. Por meio desta técnica, é possível obter matérias de interesse jornalístico através de perguntas e respostas.

Na *Roadie Crew*, por exemplo, as entrevistas ocupam de 33 a 42 de suas 98 páginas (com exceção das edições especiais) – este número sofre variações a cada edição, pois há outras seções na revista que também não possuem uma padronização fixa em seu número de páginas. As entrevistas sempre trazem uma banda ou uma personalidade do heavy metal ou rock, que discute sobre determinados temas, como seus feitos recentes, ou até mesmo sua carreira.

Além disso, tais assuntos debatidos nas entrevistas também podem ser encontrados nas pautas das notas informativas, assim como podem ser o objeto das resenhas de lançamentos e apresentações ao vivo.

## 4.1 As entrevistas na Roadie Crew: conceitos, aplicações e classificações

Segundo Medina (2008), a entrevista pode se aproximar do chamado diálogo interativo - isso acontece quando a audiência recebe os impulsos do entrevistado, que passam pela motivação desencadeada pelo entrevistador. Contundo, o reforço dos fenômenos de identificação e de fluência do diálogo na técnica de entrevista permanece na esfera do desempenho dos meios de comunicação coletiva.

O maior obstáculo é o dirigismo com que se executam as tarefas de comunicação, o que faz, muitas vezes, o jornalista imprimir o ritmo de sua pauta e até mesmo fazer com que o interlocutor seja conduzido a tais resultados esperados. Assim, o modo de ser e de dizer daquela pessoa acaba se tornando o que menos interessa.

A entrevista, independentemente de sua aplicação, é considerada como uma técnica de interação social, o que causa a quebra de isolamentos grupais individuais e sociais. Também é importante ressaltar que a entrevista pode favorecer a pluralização de vozes e à distribuição democrática de informação. Ou seja, o seu objetivo é o inter-relacionamento humano.

Entretanto, há patamares para serem seguidos, sendo o primeiro deles situado no desempenho técnico da entrevista, onde se sedimentaram, por exemplo, as Ciências Sociais.

Segundo Nahoum (1958), a entrevista se classifica em três troncos: recolher fatos, informar e motivar. Para o autor, a entrevista é considerada como uma situação psicossocial complexa, em que as diferentes funções são dificilmente dissociáveis na prática profissional.

Independentemente de sua aplicação, segundo Medina (2008), "o entrevistador deve investir, de imediato, na própria personalidade a fim de saber atuar numa inter-relação criadora". Ainda em relação à técnica, existem dois tipos de questionários mais utilizados nas entrevistas: o fechado e o aberto.

O contraste entre os dois tipos de questionários consiste no fato que, enquanto no fechado o entrevistado pode agir como uma "camisa-de-força", o que impede o deslocamento do centro do diálogo para o entrevistado, a entrevista aberta pode favorecer à liberação e ao desbloqueamento na situação inter-humana e tende a fluir.

Segundo Edgar Morin (1975), também existem quatro tipos de entrevistas: 1) a entrevista-rito; 2) entrevista anedótica; 3) entrevista-diálogo; 4) as neoconfissões.

A entrevista-rito, ou ritual, é aquela em que já se sabe a resposta – um exemplo são as palavras dos campeões nos finais dos jogos. Já a entrevista anedótica consiste ser provocativa, a fim de trazer algo considerado relevante à tona. Na entrevista-diálogo, o entrevistado e entrevistador colaboram no sentido de revelar uma verdade, que pode dizer à pessoa do entrevistado ou a um problema. As neoconfissões se tratam de entrevistas em que o entrevistador se "apaga" diante do entrevistado – sendo esta considerada uma entrevista em profundidade na psicologia social.

Morin também agrupa as entrevistas em duas tendências: a de espetacularização e a de compreensão – e cada uma delas possui seus subgêneros.

Os subgêneros da espetacularização são classificados como perfil do pitoresco, do inusitado, da condenação, e da ironia "intelectualizada". O perfil do pitoresco, segundo o autor, atua como uma espécie de perfil e retrato de personalidades, em que se foca relativamente a traços de cunho sensacionalista. Além de explorar o cotidiano revelador da pessoa focada, no perfil do inusitado, também se procura extrair o que a caracteriza, mas de forma excêntrica e exótica. Já o perfil da condenação, que é mais utilizado no jornalismo policial, gera um direcionamento na entrevista em que a pessoa em questão seja implicitamente condenada. O perfil da ironia "intelectualizada" também extrai do entrevistado uma forma de condenação – porém, suas ideias são ironicamente contestadas.

Já os subgêneros da compreensão-aprofundamento são classificados em entrevista

conceitual, enquete, investigativa, confrontação-polemização e perfil humanizado. Na entrevista conceitual, o entrevistador busca uma bagagem informativa e põe sua curiosidade a serviço de determinados conceitos que são conhecidos pela fonte entrevistada.

A entrevista/enquete consiste em um tema – que é considerado o fundamental da pauta – e geralmente há mais de uma fonte para depor sobre o assunto. Logo, elabora-se um questionário básico para dar unidade à enquete. Já a entrevista investigativa, como o próprio nome sugere, é aquela que vai investigar as informações que não estão ao acesso do repórter – os temas mais corriqueiros são de repercussão pública. Tratando-se de assuntos polêmicos, os veículos de comunicação apelam à entrevista de confrotação-polemização, em que geralmente se instauram debates, a mesa-redonda ou o seminário. Ao contrário da espetacularização, o perfil humanizado tem como objetivo traçar uma entrevista aberta em que o entrevistador "mergulha" no outro para compreender seus conceitos e valores.

De acordo com Luiz Amaral (1978), é possível distinguir dois tipos de entrevista: a de informação e opinião, e a de perfil. Em relação às entrevistas informativas e opinativas, as suas fontes são geralmente alguma autoridade, ou um especialista em determinado tema. As entrevistas de perfil já são utilizadas quando há o interesse de explorar o cotidiano da personalidade entrevistada, e não apenas para revelar suas opiniões.

Em ambos os casos, há interesse do leitor, e o jornalista é considerado um intermediário, representando seu leitor (ou receptor) diante do entrevistado. Na primeira situação, quando se trata de divulgar informações e opiniões, segundo Amaral, é conveniente e necessário o jornalista repercutir o material com outras fontes envolvidas com o fato – ou seja, confirmar a veridicidade da informação.

Nilson Lage (2006) também classifica as entrevistas de acordo com suas circunstâncias: a entrevista ocasional (quando não é agendada); entrevista de confronto (em que o repórter possui informações prévias a respeito de algo que envolve o entrevistado que vem a esclarecer, defender ou se defender das acusações impostas); a entrevista coletiva (quando é concedida pelo entrevistado a diversos repórteres de veículos diferentes); e a entrevista dialogal (é programada, controlada, e construída pelo diálogo, podendo ter um aprofundamento dos tópicos tratados).

A entrevista jornalística é considerada uma técnica de obtenção de informações que recorrem ao particular. Ainda é questionado a respeito do encaminhamento técnico dos questionários, o que exige uma competência distinta do jornalista.

Porém, para construir a entrevista, é preciso seguir alguns aspectos que configuram o jornalismo: atualidade, universalidade, periodicidade e difusão. E, por mais que o

entrevistador tenha a ambição de historiador, ele deve relacionar ao presente, além de se identificar com seu entrevistado.

Retornando ao objeto de estudo, os conceitos e classificações listados nesse capítulo servem para a análise das entrevistas da *Roadie Crew*. Além de dar atenção aos tipos de entrevistas que predominam, será importante notar se elas seguem os aspectos que fundamentam jornalismo, e também as particularidades da revista em relação ao seu circuito.

Conforme dito anteriormente, as entrevistas da *Roadie Crew* giram em torno das bandas e artistas de rock e heavy metal. E, estando mergulhada no circuito heavy metal, assim como seus entrevistados, a revista extrai informações prévias sobre seus entrevistados e seu contexto (o que pode gerar certa identificação com a fonte) - os entrevistados, por sua vez, fornecerão detalhes mais profundos sobre aquilo que foi questionado, ou que ainda não está em evidência no circuito.

Algumas bandas até podem se repetir ao longo das edições de um determinado período, mas com pautas e/ou fontes diferentes - uma banda pode ser entrevistada sobre sua vinda ao Brasil em uma edição e, mais adiante, será abordada sobre o lançamento de um CD.

Já que o circuito da *Roadie Crew* depende de seu circuito heavy metal e do jornalístico, suas pautas estão relacionadas com os acontecimentos que as rodeiam, assim como seus entrevistados.



**Figura 2: Exemplo de "grande entrevista"** Edição 176; setembro de 2013.

As entrevistas na *Roadie Crew*, sendo elas da seção "Cenário" ou as maiores que estão espalhadas pela edição, podem possuir suas diferenças na estrutura, assim como no diálogo estabelecido entre os agentes. Porém, também vale notar se ambas as entrevistas compartilham objetivos editoriais semelhantes e/ou distintos, conforme pode ser observado a seguir.

Considerando os conceitos propostos por Morin (1975), Amaral (1978) e Lage (2006), também foi possível identificar os tipos de entrevistas mais recorrentes na *Roadie Crew*, além da forma com que o diálogo é construído entre fonte e entrevistador.

Analisar e identificar as classificações das entrevistas e o diálogo criado entre seus agentes também pode ajudar a compreender os formatos editoriais da revista, o que consequentemente leva aos seus fundamentos de seleção.

Das edições estudadas, foram analisadas, ao todo, 30 entrevistas da seção "Cenário", e 126 das grandes entrevistas. Logo, vale observar isoladamente as diferenças entre as entrevistas na *Roadie Crew* para que, em seguida, possa analisar as suas semelhanças.

Após estudar os tipos predominantes de entrevistas na *Roadie Crew*, nota-se que há o interesse em informar ao leitor a respeito de determinada pauta, mas também investindo em uma abordagem opinativa.

Levando em consideração os dois tipos de entrevistas que existem na *Roadie Crew*, as suas estruturas e estéticas podem se justificar pelas classificações dos autores trazidos até então, além dos objetivos editoriais - por exemplo, as entrevistas em "Cenário" podem ser curtas e ligeiras, com pouca possibilidade ao diálogo aberto, devido ao fato de dividirem espaço com notas jornalísticas, além de necessitar uma rápida publicação, segundo o editor.

Já a respeito das grandes entrevistas, a revista tenta passar ao leitor um diálogo (ou melhor, uma conversa) entre fonte e entrevistador, em que as interações entre ambos possam transmitir uma seção de proximidade em termos culturais, enquanto lhe é passado informação e opinião.

## 4.1.1 As entrevistas da seção "Cenário"

A primeira seção da revista *Roadie Crew* (na verdade sucedida pela "carta do editor") é constituída por notas e entrevistas. Aliás, a seção estreou na primeira edição de 2013 (a de número 168, do mês de janeiro), sendo uma reformulação da antiga *Roadie News*, que trazia um noticiário do último mês.

Em comparação com as grandes entrevistas espalhadas ao longo das edições, as da "Cenário" são curtas e breves - geralmente constituídas de quatro a onze perguntas, ocupando apenas uma página. De acordo com o editor-chefe Airton Diniz, na carta do editor na edição 168, as entrevistas publicadas nessa seção requerem agilidade em sua publicação.

Em relação ao seu conteúdo, as pautas mais recorrentes são: a respeito das bandas e artistas que lançam um novo trabalho; shows que aconteceram e/ou ainda irão ocorrer; e feitos particulares recentes.

Levando em consideração às técnicas utilizadas nas entrevistas, segundo Medina (2008), foi possível identificar a predominância do questionário fechado em "Cenário". Além disso, pode-se observar que não há um diálogo direto entre fonte e entrevistador, já que não há indícios de uma "conversa" entre os agentes - aparentemente, é possível perceber que o entrevistador elaborou as perguntas em um dado momento, e a fonte as respondeu em outro, sem ter contato direto com o repórter durante o seu depoimento.

Já sobre os quatro tipos de entrevistas propostos por Morin (1975), há a predominância da entrevista-rito e a anedótica. A ritual se justifica pelo fato de que o entrevistador, assim como o leitor, já espera determinada resposta da fonte - o que acontece quando há as perguntas de assuntos mais recorrentes, como a respeito do lançamento de um novo álbum, por exemplo. A anedótica, por sua vez, surge quando há a intenção de revelar algo, como nas entrevistas em que abordam sobre a saída ou entrada de um membro em determinada banda.

Ainda, seguindo os conceitos de Morin (1975), a tendência das entrevistas pode ser classificada como sendo de compreensão - já que, retomando as pautas mais recorrentes nas entrevistas, o entrevistador busca uma bagagem informativa a respeito de determinado assunto - em que, na maioria dos casos analisados, predomina as entrevistas conceituais e enquete.

Assim sendo, há as entrevistas que Amaral (1978) classifica como de informação e opinião - uma vez que as fontes são especialistas em determinado tema, no caso, integrantes responsáveis pelas composições da banda. No entanto, também foi possível encontrar entrevistas de perfil, principalmente quando se trata de um músico que se ingressou recentemente em determinada banda, por exemplo.

Por fim, tomando os conceitos propostos por Lage (2006) a respeito da circunstância em que a entrevista foi realizada, a maioria das entrevistas da seção "Cenário" pode ser classificada como a de confronto, devido ao fato do entrevistador possuir informações prévias a respeito do assunto que será debatido, sendo que, algumas vezes, também aponta sua opinião sobre o tema.

## 4.1.2 As grandes entrevistas

Ao contrário das entrevistas da seção "Cenário", as demais espalhadas ao longo da revista são longas, podendo ocupar até seis páginas (sendo a de maior número de páginas a principal na edição). Logo, diferente das entrevistas mais curtas, pôde ser observado que os assuntos que compõem sua pauta são mais aprofundados ao longo do questionário.

Através da análise, foi possível perceber que as grandes entrevistas, em boa parte de sua maioria, possui um diálogo aberto e direto entre fonte e entrevistador - em alguns casos, o entrevistador faz um comentário a respeito da resposta anterior do artista entrevistado, em que o repórter concorda ou refuta a ideia debatida, expondo também sua opinião. Alguns exemplos deste diálogo estabelecido entre fonte e entrevistador podem ser vistos a seguir: o primeiro com o Nameless Ghouls, da banda *Ghost*, em entrevista concedida para Claudio Vicentin na edição 173.

Roadie Crew: Logicamente vocês já estão compondo para fazer um álbum mais legal ainda que o atual. Vocês ficaram satisfeitos com Infestissuman? Nameless: Estamos orgulhosos de termos feito um álbum que achamos que é melhor e se alguém acha que não, sem problemas. Tudo bem, faz parte. Mas será uma pena se muitos fãs acharem que não é legal, porque nós temos certeza de que gravamos o melhor álbum que podíamos nesse momento. Estamos também procurando não dar tenta importância sobre o que as pessoas pensam.

R.C.: Impossível agradar a todos.

Nameless: Correto! Nem com nosso primeiro álbum nós agradamos a todos. Essa é uma batalha que não há como vencer.

R.C.: Apesar de não ser tanto tempo, as músicas foram compostas em 2011 e lançadas em 2013. Ou seja, há um intervalo e mesmo assim elas soam bem atuais.

Nameless: Sim, essa é uma boa observação. Acho que uma das boas coisas desse trabalho é que ele é bastante diversificado e tem músicas que não são tão fáceis de ser digeridas. Isso é legal porque o fã realmente precisa escutar, ele vai levar um tempo maior para captar bem as mensagens que passamos e realmente passar a entender esse trabalho. Não queremos gravar álbuns muito simples, que o fã escuta, entende tudo e se cansa rápido do trabalho<sup>1</sup>.

. Já a segunda exemplificação são alguns trechos da entrevista com Lemmy Kilmister, da *Motörhead*, também a Claudio Vicentin, com a colaboração da *UDR Music* na edição 178.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> VICENTIN, Claudio. **Ghost: Mistério, teatro e anticristo. Roadie Crew**. p. 20, Ed. 173, Junho, 2013.

Roadie Crew: A já citada Lost Woman Blues tem um toque melancólico. A letra é uma história verdadeira?

Lemmy: Eu só estou sendo nostálgico sobre todas as mulheres que já conheci. Mulheres que saíram da minha vida quando eu não as queria mais, também. Todo mundo tem algumas delas no decorrer da vida.

R.C.: Algum arrependimento?

Lemmy: Não. Você não pode voltar atrás. O que é feito, está feito.

R.C.: Quão grande é a sua coleção de itens da 2ª Guerra Mundial? Você incluiu mais alguns itens recentemente?

Lemmy: Pois é, eu tenho algumas coisas... Não só da 2ª Guerra. Eu tenho algumas espadas muito antigas, umas espadas realmente bonitas, da época do Império Alemão de 1871 a 1918, com dedicatórias nas lâminas e coisas do tipo.

R.C.: Sua casa deve ser um grande museu!

Lemmy: Na verdade, é um pequeno museu. É até difícil de administrar. Há espaço para o sofá, a geladeira, a TV e a coleção de discos. E eu achei de comprar um lugar em Los Angeles que é um pouco maior. Eu posso me movimentar dentro dele de forma melhor agora (risos)<sup>2</sup>.

Também é possível observar que as grandes entrevistas foram feitas em tempo real - ou seja, houve um contato direto entre fonte e entrevistador, sendo pessoalmente ou através de algum meio de comunicação, como por telefone ou via internet. Sendo assim, pode-se classificar estas entrevistas com o que Lage (2006) categoriza como sendo a entrevista dialogal - uma vez que sua circunstância em que foi realizada é dada como programada e construída pelo diálogo, podendo ter um aprofundamento dos assuntos tratados.

Um exemplo interessante, que também pode se aplicar ao que Medina (2008) chama de diálogo interativo, é um trecho da parte final da entrevista com Ozzy Osbourne e Geezer Butler, da banda *Black Sabbath*, concederam a Emil Persson, na edição 174.

Roadie Crew: Ok, muito obrigado por essa entrevista. Ela foi realmente reveladora.

Ozzy: Por quanto tempo você ainda fica nos Estados Unidos?

R.C.: Na verdade, estou aqui para uma estadia de apenas 48 horas. A realidade é que voei para cá, vindo da Suécia, apenas para termos esses 45 minutos de conversa para as revistas Sweden Rock e Roadie Crew.

Ozzy: Verdade? Mas vale a pena fazer uma viagem assim?

R.C.: Vale. Pode ter certeza que vale...

Ozzy: Ok. Que ótimo...<sup>3</sup>.

<sup>2</sup> MUSIC, UDR; VINCENTIN, Claudio. **Motörhead: Após o choque, um grande álbum**. Roadie Crew. p. 20, Ed. 178, Novembro, 2013.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> PERSSON, Emil. **Black Sabbath: O mais aguardado retorno do Heavy Metal**. Roadie Crew. p. 20, Ed. 174, Julho, 2013.

Com este trecho, é possível ter uma noção que a entrevista, na verdade, teve um ritmo de conversa entre fonte e entrevistador. E, além disso, também mostra os bastidores da entrevista - o fato da revista permitir que esta parte fosse publicada faz com que seja possível direcionar a uma ideia a respeito de sua linha editorial.

Levando em consideração o fluxo do diálogo que é criado entre os envolvidos, estas entrevistas podem ser categorizadas como a entrevista-diálogo - já que o entrevistado e entrevistador colaboram no sentido de aprofundar sobre um determinado tema. No entanto, também são identificadas características das entrevistas ritual e anedótica: como, por exemplo, pelo fato que, na maioria das entrevistas, se encerram com uma mesma pergunta, a qual se trata de quando a banda da fonte entrevistada virá ao Brasil.

Ainda seguindo os fundamentos propostos por Morin (1975), identificam-se as entrevistas da tendência compreensão-aprofundamento, mais especificamente as do tipo conceitual, enquete e, algumas vezes, o perfil humanizado - no caso das entrevistas que abordam primordialmente a carreira da banda ou, então, sobre um novo integrante de determinada banda. Com isso, também pode se aplicar as duas classificações de Amaral (1978), as de informação e opinião, e a de perfil.

A respeito do conteúdo informativo, também pode ser encontrado nas notas localizadas na seção "Cenário", abordando temas sobre as bandas e outros acontecimentos no cenário heavy metal. Logo, também vale uma análise sobre o material noticioso da seção "Cenário", lembrando-se de sua conexão com as outras repartições da revista.

# 4.2. As notas informativas da seção "Cenário"

Junto com as pequenas entrevistas, na seção "Cenário", estão as notas informativas. Das edições analisadas do ano de 2013, foram contabilizadas 67 notícias, podendo variar de cinco a oito em cada edição.

Em sua estrutura, as matérias são constituídas, em sua maioria, por um *lead* e pequenos trechos de depoimentos das fontes. No entanto, algumas delas possuem um aspecto voltado ao *release*, como as notícias sobre festivais e lançamentos de biografias. Além disso, a maioria pode dividir espaço com mais uma ou duas notícias, enquanto as notas sobre livros e falecimento de artistas, por exemplo, são construídas em colunas ao canto da página.



**Figura 3: A seção "Cenário" da** *Roadie Crew* Com breves entrevistas e notas informativas Edição 178; novembro de 2013

Em relação às suas pautas, há o predomínio das temáticas sobre lançamentos de CDs/DVDs (por bandas e gravadoras) e biografias, turnês e eventos, matérias de caráter biográfico sobre bandas e comemorações de carreira. Também há outros assuntos, mas não de menor frequência, como: novidades sobre outros meios especializados (parceiros da *Roadie Crew*); notas sobre a própria revista; falecimento de personalidades do rock/metal; e fatos particulares de cada banda, o que inclui, por exemplo, retorno aos palcos e nova formação.

Também vale lembrar que uma notícia pode possuir uma pauta central e abordar outros assuntos. Como, por exemplo, a matéria "*Raven* conta sua história em DVD", na edição 168, em que há, como tema principal, o lançamento de um novo DVD, mas também fala brevemente sobre sua carreira e última turnê ao longo da matéria.

Há também as notícias que, aparentemente, foram construídas a partir de notas já divulgadas por tabloides - essa suspeita é sustentada pelo fato de não citar as declarações da fonte como diretas à *Roadie Crew*, além de não levar a assinatura do redator. Neste caso, as declarações são extraídas dos sites oficiais das fontes ou de outros meios de comunicação. Geralmente, trata-se de notícias internacionais, como a "*Kiss* cria time de futebol americana",

na edição 177, e "*Led Zeppelin* recebe o *Kennedy Award*", no exemplar 168. São notas breves e trazem assuntos já considerados "frios", e estão em formato de coluna.

Segundo Traquina (2008), os valores-notícia estão divididos em dois grupos: "a) os critérios substantivos que dizem à avaliação direta do acontecimento em termos da sua importância ou interesse como notícia, e b) os critérios contextuais que dizem respeito ao contexto de produção da notícia".

Os critérios substantivos dizem a respeito dos valores-notícias da notoriedade, proximidade (sobretudo em termos geográficos, mas também em termos culturais), relevância, novidade, tempo, notabilidade, inesperado, conflitos e controvérsias e o escândalo. Já os critérios contextuais estão relacionados à disponibilidade (a facilidade com que é possível fazer a cobertura do acontecimento), equilíbrio (a noticiabilidade de um acontecimento pode estar relacionada com a quantidade de notícias sobre o ocorrido ou assunto que já existe ou que existiu), visualidade e concorrência.

Considerando os conceitos propostos por Traquina (2008) em relação às matérias informativas da *Roadie Crew*, é possível observar os valores-notícias, principalmente, de proximidade, novidade, relevância, inesperado, notoriedade, disponibilidade, visualidade e equilíbrio. A proximidade pode ser explicada pelos termos culturais da banda abordada, além de sua notoriedade dada pelo público e revista. O inesperado pode se encaixar nas notas sobre falecimento e/ou mudanças na formação de bandas já tradicionais na cena heavy metal. Já a disponibilidade pode ser referida à facilidade de construir uma matéria por meio das informações já divulgadas por outros meios (como as notas internacionais em colunas), e o equilíbrio, por ser uma notícia que pode estar sendo divulgada em outros meios em um dado momento.

Apesar de seu teor informativo, as matérias na seção "Cenário" não trazem as chamadas *hard news*, o que pode ser explicado pela sua periodicidade mensal - mas sim notícias que não dependem necessariamente do fator tempo (a agilidade em sua publicação) como, por exemplo, o anúncio de um lançamento de CD. No entanto, a matéria passará a ser considerada "fria" se outros meios mais flexíveis, como a internet, já ter a divulgado e, por consequência, o público já ter conhecimento sobre ela.

Mesmo contendo declarações das fontes, a maioria das notícias é breve se levar em consideração o seu formato e espaço na página. No entanto, as informações trazidas por elas podem servir como futuras pautas para outras seções da revista, como as entrevistas - em que as novidades serão mais aprofundadas, dando mais voz aos agentes - ou seja, entrevistador e fonte.

Após estudar o conteúdo noticioso da seção "Cenário", é preciso analisar o material opinativo da *Roadie Crew*, que consistem em resenhas de lançamentos (CDs, DVDs, EPs) e shows, a fim de observar o circuito da revista como um todo. As críticas, que aparecem em variadas seções da *Roadie Crew*, também apresentam um debate sobre o seu objeto abordado, além de poder apresentar uma conexão com as entrevistas e as notas informativas.

#### 4.3. As resenhas na Roadie Crew

De acordo com Piza (2011), a crítica é considerada não só a espinha dorsal das revistas, como também em variadas publicações específicas. O fato de seu conteúdo não depender necessariamente do fator tempo, em comparação ao material informativo, as críticas ganham espaço nas revistas, independentemente de sua periodicidade, principalmente as especializadas em jornalismo cultural.

Também, segundo o autor, a resenha deve informar ao leitor o que a obra ou tema debate, resumindo sua história, suas linhas gerais e outras características. Além disso, o texto da resenha deve levar ao leitor uma análise constituída por um modo sintético, esclarecendo as razões das qualidades e defeitos colocados à obra, o que evita uma vaga atribuição de adjetivos.

Porém, ainda segundo Piza (2011), o mais comum entre os críticos é ir além do objeto analisado, o utilizando para a leitura de algum aspecto da realidade em que está inserido. De acordo com o autor, uma boa resenha

deve buscar uma combinação desses atributos: sinceridade, objetividade, preocupação com o autor e o tema. E deve ser em si uma 'peça cultural', um texto que traga novidade e reflexão para o leitor, que seja prazeroso ler por sua argúcia, humor e/ou beleza (PIZA, 2011, p. 71).

Sobre a *Roadie Crew*, além de suas entrevistas, as resenhas também ocupam uma boa quantidade de páginas nas edições, categorizadas nas seções *Releases, Garage Demos, Classic Crew, Collection* e *Live Evil*.

Enquanto *Releases, Garage Demos* e *Live Evil* trazem críticas a lançamentos mais recentes, *Classic Crew* e *Collection* reúnem resenhas de materiais lançados há mais tempo, mas sua importância pelos membros da cena ainda permanece.



Figura 4: A seção "Release" (resenhas de CDs, DVDs, EPs) Edição 169; fevereiro de 2013

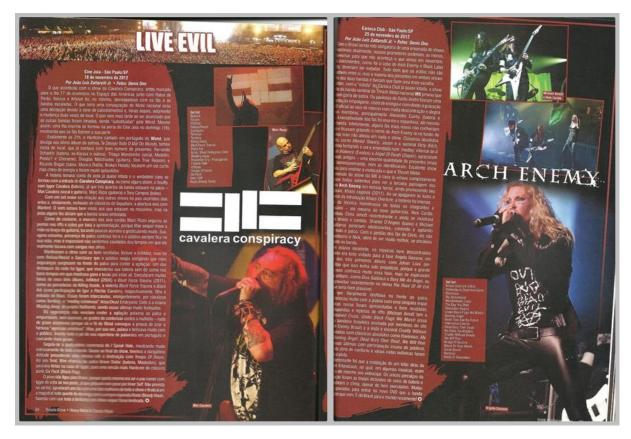
A começar pelos lançamentos mais antigos, *Classic Crew*, que geralmente ocupa duas páginas, apresenta álbuns lançados há quarenta, trinta e vinte anos. E, além de resenhá-los, também traz um pouco de sua história. Já a *Collection* consiste em resenhar toda a discografia de uma determinada banda, desde o primeiro álbum até o mais recente.

A seção *Releases*, que é a maior em resenhas, ocupa oito páginas na edição, e pode trazer de 36 a 49 materiais resenhados (CDs, DVDs e EPs), sendo estes mais recentes em relação à data da publicação da revista. Trata-se de breves e curtas críticas, realizadas por vários colaboradores. Dentro da seção, há também a *Roadie Parade* - um quadro em que selecionam álbuns que serão julgados pelos membros da equipe como "ótimo, bom, regular, ruim e péssimo".

Em seguida, há a seção *Garage Demos*, ocupando apenas uma página, composta por resenhas de demos e EPs de bandas ainda em ascensão. Geralmente, cada edição traz quatro materiais para essa seção.

As críticas sobre shows e festivais que aconteceram nos últimos meses se encontram em *Live Evil*, que varia relativamente o seu número de páginas, podendo ocupar apenas uma

até nove páginas. O número de críticas também varia a cada edição, geralmente de uma a cinco.



**Figura 5: A seção "Live Evil" (resenha de shows)** Edição 168; janeiro de 2013

Os shows resenhados, em sua maioria, são internacionais, de médio a grande porte, e que aconteceram na cidade de São Paulo (o que pode ser explicado pelo fato de ser a localização da sede da revista, além da capital paulista concentrar o maior número de shows nacionais e internacionais no Brasil). Logicamente, as coberturas que ocupam mais espaço são sobre festivais maiores, como o Rock in Rio, por exemplo.

Além disso, há coberturas especiais sobre eventos de grande escala que geralmente ficam de fora da seção *Live Evil* - como é o caso do festival francês *Hellfest*, que a revista trouxe em sua edição 175, ocupando sete páginas.

Retomando as resenhas de lançamentos, em especial as direcionadas às CDs/DVDs mais recentes, é interessante notar que o seu mesmo assunto (o lançamento em si) pode aparecer na mesma edição, assim como em outros exemplares dentro de um determinado período. Como, por exemplo, o novo CD de uma banda, que foi resenhado em uma edição, pode ser a pauta de uma entrevista no mesmo exemplar. No questionário, o entrevistador pode

apontar a sua opinião sobre a obra, fazendo com que a fonte concorde ou refute a ideia do repórter, rendendo, então, um debate. Além disso, informações mais técnicas e os bastidores sobre o lançamento também podem ser priorizadas em pauta.

O mesmo também pode acontecer com as resenhas de shows e festivais. Mas, também, podem ser previamente divulgados como notícia na seção "Cenário" e, após sua realização, será resenhado em uma edição posterior. Como, por exemplo, a 15ª edição do festival Roça'n'Roll, que foi noticiada na seção "Cenário", do exemplar 170. Quatro meses depois, o evento reaparece resenhado na revista em *Live Evil*. E, assim como os lançamentos, os shows também podem ser transformados em pautas jornalísticas para as entrevistas, em que as bandas divulgarão detalhes, expectativas e curiosidades sobre a apresentação.

Sendo assim, é possível perceber um fluxo de conteúdos ao longo das edições da *Roadie Crew*. E, como as pautas das matérias informativas, o produto das resenhas também pode ressurgir como temas em entrevistas, onde poderão produzir um material informativo e opinativo.

# 5. O movimento dos temas das pautas na Roadie Crew

Este capítulo tem o intuito de mostrar a análise feita sobre quais os temas mais recorrentes nas pautas da *Roadie Crew* – consideradas como um atravessamento dos circuitos – e como são tratados, o que podem apontar aos seus critérios de seleção. A começar pela cobertura sobre as bandas, como seus lançamentos e outros feitos.

Apesar das entrevistas serem o eixo central nessa análise, vale lembrar que não são um elemento isolado na revista ao todo. As suas pautas também se manifestam nas notas, assim como nas resenhas. Porém, é nas entrevistas, como poderá ser visto na análise, que acontece o encontro de todas as pautas, em que serão aprofundadas por meio de seus agentes, o entrevistador e a fonte (no caso, as bandas que são responsáveis pelos fatos que serão abordados). A análise também parte da ideia que os temas mais abordados nas pautas da *Roadie Crew* sejam aqueles que repercutem no circuito heavy metal.

Após analisar 156 entrevistas (sendo 30 da seção "Cenário", e o restante correspondente às grandes entrevistas), publicadas ao longo das edições do ano de 2013, foi possível identificar temas que se repetem constantemente na construção das pautas.

Considerando as bandas e seus respectivos artistas como aqueles que produzem o assunto que será transformado em pauta, os temas mais recorrentes observados foram: o lançamento de um novo CD - ou, então, o seu trabalho mais recente, caso não haja um material inédito no contexto em que acontece a entrevista; levantamento histórico da carreira; apresentações ao vivo (shows que tiveram grande repercussão e/ou ainda irão acontecer); e assuntos particulares que variam a cada banda como, por exemplo, mudanças na formação ou o anúncio de uma pausa em suas atividades.

Segundo Medina (2008), há quatro critérios que sustentam o processo jornalístico da criação da pauta à produção da entrevista, formulados por Otto Groth. "São quatro leis que regem o fenômeno: atualidade, periodicidade, universalidade e difusão" (MEDINA, 2008, p. 22). Além disso, a pauta obedece a critérios técnicos, os quais estão voltados à questão da noticiabilidade, e editoriais.

Sendo assim, parte-se do pressuposto que os temas presentes nas pautas das entrevistas da *Roadie Crew* obedeçam a estes critérios, uma vez que a notícia do lançamento de um novo disco, por exemplo, se transforma em pauta repetidas vezes com diferentes fontes.

Nas próximas páginas, haverá uma análise mais aprofundada sobre o enquadramento dado aos temas de maior ocorrência, a fim de observar a lógica da entrevista, para que, em

seguida, possa levar ao significado destes achados em relação à problematização inicial deste trabalho.

Ainda sobre a questão da recorrência de uma mesma pauta para diferentes fontes, vale mencionar que,

dentro de uma lógica de noticiabilidade da revista, o assunto vai sendo estruturado e reestruturado. Assim, se um tema passa por todas e/ou várias seções, temos um movimento duplo: sua pluralidade passível de uma abrangência jornalística (presentificando-se em diversas abordagens) e sua construção editorial (por meio de uma pluralidade de formas) (TAVARES, 2012, p. 16).

É possível notar que a regularidade dos assuntos e seus respectivos agentes são reutilizados e reestruturados a partir do momento em que uma banda e/ou artista distinto oferece o mesmo conteúdo para uma futura pauta - o que leva a crer que o circuito heavy metal, em que a *Roadie Crew* está inserida, e o circuito criado pela revista, passam por um processo de retroalimentação. Porém, cabe à pesquisa investigar o quê e como o seu circuito oferece o seu conteúdo e influência ao público.

## 5.1. O lançamento como notícia

Um dos produtos culturais que as bandas musicais oferecem ao público é a sua performance, sendo ela gravada em formato físico e/ou digital, ou visualmente em uma gravação ou em tempo real - o que Cardoso Filho (2006) inclui no conceito de performance mediatizada. E, conforme já mencionado anteriormente, uma das pautas mais recorrentes na *Roadie Crew* é o lançamento de CDs e DVDs - sendo o tema principal ou secundário.

Durante a análise, pôde-se perceber que o assunto "novo álbum" é abordado por algumas perguntas de caráter informativo e opinativo, que se repetem em outras entrevistas de mesma temática principal, mesmo que seja com autores distintos (entrevistador e fonte). No entanto, antes de relatar a análise do enquadramento do assunto em questão, é interessante mencionar o início da criação da pauta baseada no lançamento de um novo trabalho.

Primeiramente, através dos meios de comunicação especializados, algumas vezes com o suporte de uma assessoria de imprensa, a banda anuncia que está trabalhando em um novo álbum - sendo uma notícia que gera mobilização em seu público-alvo, mais especificamente para os fãs do grupo musical. No *release*, a banda informa detalhes da produção, tais como local de gravação, participações especiais no CD, e os responsáveis pela criação. E,

posteriormente, também são divulgados o repertório, título e arte da capa do disco. Além disso, alguns membros da banda também depõem suas expectativas e curiosidades sobre este novo trabalho.

Em suma, como será possível observar a seguir, todas estas informações lançadas previamente pela banda serão essenciais para a criação de uma pauta jornalística de entrevista. Estes conhecimentos prévios serão destrinchados em perguntas, a fim de detalhar profundamente os fatos por meio dos depoimentos da fonte, em um questionário conduzido por um entrevistador, o qual acompanhou ou tem um bom conhecimento sobre a banda pautada.

Questões que abordam o processo de composição e gravação do álbum são bem recorrentes nas entrevistas desta natureza. A banda sueca *Amon Amarth*, representada pelo vocalista Johan Söderberg, foi entrevistada por Claudio Vicentin na edição 175, correspondente ao mês de agosto - em que, inclusive, foi a entrevista principal do exemplar, tendo como tema central o seu novo álbum.

Roadie Crew: Vocês levaram muito tempo para escrever *Deceiver Of The Gods?* Buscavam fazer algo mais diversificado?

Johan Söderberg: Escrevemos todas as músicas entre agosto e dezembro do ano passado [2012]. Se ele saiu mais diversificado, não sei dizer exatamente. Sempre tentamos fazer álbuns diversificados e podemos acertar ou falhar, mas tentamos. Acho que *Deceiver Of The Gods*, até pelo que comentei, foi mais aberto a novas ideias e por isso esse sentimento floresce<sup>4</sup>.

Outro exemplo, e de forma mais direta a respeito das gravações, é a entrevista com a banda brasileira *Distraught*, conduzida pelo colaborador Christiano K.O.D.A, na edição 174, de julho, com Ricardo Silveira (guitarra) e André Meyer (vocal).

R.C.: O novo disco, *The Human Negligence Is Repugnant*, transborda energia e tem uma produção excelente. Como foi sua concepção?

Ricardo: Obrigado! Eu e Marcos (Machado, ex-guitarrista) sempre estávamos registrando ideias de riffs para futuramente começar a trabalhar em músicas. Quando estávamos na Argentina, no final de 2010, eu já tinha alguns riffs, que ia gravando em casa com uns 'grooves' de bateria. Lembro que na época eram riffs que depois se tornaram as músicas *Borderline, Psycho Terror Class* e *Justice Done By Bertayers*. Mostrei para o resto da banda e decidimos que 2011 seria o ano para trabalharmos em um álbum novo. Toda pré-produção foi feita em minha casa, lá gravava e regravava voz e guitarras. Íamos para o estúdio já com estrutura das músicas mais concretas, e assim, fomos lapidando os arranjos conforme todos sentiam o que deveria melhorar<sup>5</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> VICENTIN, Claudio. **Amon Amarth: A trilha sonora dos vikings... E dos Headbangers!** p. 21, Ed. 175, Agosto, 2013.

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> K.O.D.A, Christiano. **Distraught: Compromisso com o Thrash Metal**. p. 48, Ed. 174, Julho, 2013.

Mesmo com perguntas dotadas de estruturas distintas, é possível perceber certo objetivo do entrevistador em passar ao leitor os bastidores da composição do novo álbum, além da opinião de seu próprio criador a respeito do processo em geral do trabalho.

Ainda sobre a produção do álbum, questões a respeito do responsável pelo processo - assim como de outras etapas, como a masterização e mixagem - também são levadas em consideração. Na maioria das vezes, questiona-se a opinião da fonte sobre o desempenho do produtor e/ou como aconteceu o primeiro contato entre eles. Um trecho da entrevista com a banda britânica *Carcass*, conduzida por Guilherme Spiazzi na edição 176, de setembro, com o vocalista e baixista Jeff Walker, dá um exemplo desta abordagem.

R.C.: Collin Richardson produz a banda desde *Symphonies Of Sickness*. Então, qual foi a colaboração dele em *Surgical Steel*?

Jeff: Para ser honesto, se quiséssemos nós poderíamos ter colocado em todos os discos que ele os coproduziu. O papel dele é conseguir a melhor performance de cada um, o melhor som. Nós raramente precisamos de uma opinião externa com relação aos arranjos. Para mim ele é a melhor pessoa para se trabalhar quando o assunto são os meus vocais, ele conhece bem a minha voz e sabe o que é um bom desempenho. Gravamos centenas de linhas de guitarra, Bill (Steer, guitarrista) gravou oito bases por música e no final optamos pela quatro que estão no disco. É um processo árduo sentar e revirar este material<sup>6</sup>.

Nesta mesma edição, o colaborador Steven Rosen entrevistou o vocalista e guitarrista finlandês Alexi Laiho, usando também como pauta principal o novo álbum da banda da fonte, o *Children Of Bodom*.

R.C.: Você novamente produziu com Peter Tägtgren, que já havia atuado em *Follow The Reaper*.

Alexi: Isso mesmo, ele produziu e gravou meus vocais. Eu me sinto muito confortável trabalhando com ele. E Peter também dá um monte de ideias ótimas em relação à interpretação. Eu acho muito importante ser produzido por alguém que também é vocalista. Um técnico de som ou um produtor também pode ajudar muito, dando ideias e melhorando as gravações como um todo, mas um vocalista tem outro ponto de vista. Ele dá ideias e as transmite do ponto de vista de um cantor e isso torna tudo mais prático, chega até a economizar muito tempo<sup>7</sup>.

É interessante notar que, neste último trecho, o entrevistador não utiliza uma questão para abordar o produtor do CD - e sim um comentário que motiva o entrevistado a depor sua opinião sobre o assunto. Mas, em ambas as entrevistas, o entrevistador procura explorar a

-

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> SPIAZZI, Guilherme. Carcass: Um banquete para fãs de música extrema. p. 23, Ed. 176, Setembro, 2013.

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> ROSEN, Steven. **Children Of Bodom: Explorando novos territórios**. p. 71, Ed. 176, Setembro, 2013.

satisfação da fonte em relação ao técnico, além de fazer um breve resgate histórico sobre a participação do produtor nos álbuns anteriores das bandas.

O direcionamento musical também é um assunto recorrente quando se trata de novo lançamento - aparentemente, o entrevistador tem o objetivo de dar luz aos motivos que levaram à banda a produzir a sonoridade presente em seu trabalho atual. Um exemplo está na entrevista da banda finlandesa *Finntroll*, com o vocalista Mathias "Vreth" Lillmans, realizada por Guilherme Spiazzi na edição 173, de junho.

R.C.: Quando você diz que discutiram sobre o direcionamento do álbum havia alguma preocupação em agradar aos fãs ou ao mercado? Qual era a intenção?

Vreth: Não, na verdade foi mais para nós mesmos ficarmos satisfeitos com ele. Estávamos caminhando para um som que lembrava bastante o disco *Nifelvind* (2010), e a gente não queria fazer a segunda parte dele. Quando encontramos para conferir a terceira ou quarta música composta, descobrimos o caminho que queríamos seguir. Nós optamos por uma visão mais enxuta, algo semelhante ao nosso princípio. Tiramos as grandes orquestrações e outros detalhes que inserimos em *Nifelvind*, ao invés de nos concentrarmos nos riffs de guitarra, e nas melodias principais naquele disco<sup>8</sup>.

Outra maneira de abordar o direcionamento musical em pergunta pode ser visto na entrevista com a banda britânica *Saxon*, concedida pelo vocalista Biff Byford e o baterista Nigel Glockler a Ricardo Batalha e Steven Rosen, na edição 171, do mês abril.

R.C.: Por que quiseram remeter o som às raízes da banda? Biff: Eu queria que a banda olhasse para trás e tentasse se dar conta do que nos fez ser tão grandes nos anos 80 e porque as pessoas começaram a gostar tanto da gente. E fazer isso com um som um pouco mais moderno<sup>9</sup>.

Quando a banda também lança um videoclipe, sendo uma forma de promover o seu novo CD, o assunto também é pautado na entrevista - como, por exemplo, o trecho a seguir, da entrevista com a vocalista alemã Doro Pesch, feita por Guilherme Spiazzi, na edição 168, de janeiro.

R.C.: O vídeo da música que abre o disco, *Raise Your Fist In The Air*, foi lançado no "Wacken Open Air" de 2012.

Doro: Sim, celebrei meus trinta anos de carreira no "Wacken Open Air" de 2012. Os organizadores são grandes amigos e dão muito suporte para o Metal. A primeira vez que toquei lá foi em 1993 e, desde então, tenho me apresentado regularmente. Quando mostrei a demo de *Raise Your Fist In The Air* para um dos representantes do "Wacken", ele ficou empolgado. Na época, ele me convidou para tocar no festival, mas o trabalho não estava pronto ainda, então com o vídeo finalizado ele acabou sendo lançado durante

<sup>9</sup> BATALHA, Ricardo; ROSEN, Steven. **Saxon: O tempo voa**. p. 22. Ed. 171, Abril, 2013.

-

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> SPIAZZI, Guilherme. **Finntroll: Cobertos de sangue**. p. 26, Ed. 173, Junho, 2013.

o evento. O vídeo traz imagens do festival de 2011, de Nova York e de outros locais<sup>10</sup>.

Outra exemplificação, mas em forma de pergunta, também pode ser conferida nesta mesma edição, na entrevista com a banda sueca *Marduk*, da autoria de Luciano Krieger.

R.C.: Conte como foi a produção do clipe da faixa *Souls For Belial*, que saiu em single e, inclusive, obteve um prêmio da revista sueca Sweden Rock. O vídeo veio repleto de atmosferas e cenários obscuros, além da performance do vocalista Mortuus. Foram vocês mesmos que cuidaram da direção do videoclipe?

Morgan: Tivemos ideias bem fortes para esse vídeo, de como capturar as letras para pintar uma imagem impactante na mente de quem fosse assisti-lo. Ele foi gravado em dois dias em nossa região mesmo, e acredito que passa uma boa representação do que somos na verdade. O vídeo foi todo feito por nós, com a cooperação de Hakan Sjödin, da banda Setherial<sup>11</sup>.

Algumas bandas geralmente convidam músicos de outros grupos para fazer uma participação especial em seu novo álbum - um fato que também costuma ser abordado nas entrevistas da *Roadie Crew*. Dois exemplos desta ocorrência podem ser conferidos a seguir. O primeiro está na entrevista da banda brasileira *Malefactor*, com Lord Vlad e Danilo, por Christiano K.O.D.A, no exemplar 177, de setembro. Já a outra acontece na edição seguinte, com a banda canadense *Annihilator*, com o guitarrista Jeff Water, conduzida por Guilherme Spiazzi.

R.C.: Já que você mencionou Hécate, como foram as participações dele e de Eregion (Unearthly) no disco?

Danilo: Para mim foram perfeitas, principalmente por ser fãs das duas bandas. Em relação ao Eregion, apesar do nosso ser totalmente diferente do que o Unearthly executa, a sonoridade do vocal se encaixou exatamente como queríamos na música, tornando-a mais agressiva. Com o Hécate, as coisas já soaram de forma mais familiar, pois o Miasthania compartilha em seus trabalhos de intenções similares, buscando um som mais épico. Foi uma honra ter as participações deles, por serem eles quem são e por representarem essas duas grandes bandas do cenário brasileiro 12.

R.C.: Já que você mencionou *Wrapped*, seu amigo Danko Jones colaborou nessa faixa.

Jeff: Se você conhece o trabalho dele sabe que ele traz algo de Hard Rock com um pouquinho de Punk. Fora dos palcos ele é um grande fã de Metal, assim como Chris Jericho (Fozzy) - o cara é uma enciclopédia do Heavy Metal! Chris é uma das pessoas com o maior conhecimento no assunto que já conheci, ele sabe muito mesmo, e você não faz isso por dinheiro ou porque isso lhe trará algo, faz porque é fã<sup>13</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> SPIAZZI, Guilherme. **Doro: Três décadas de Metal**. p. 17, Ed. 168, Janeiro, 2013.

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup> KRIEGER, Luciano. **Marduk: O sermão das profundezas**. p. 81, Ed. 168, Janeiro, 2013.

<sup>&</sup>lt;sup>12</sup> K.O.D.A, Christiano. **Malefactor: A atmosfera dos campos de batalha**. p. 73, Ed. 177, Outubro, 2013.

<sup>&</sup>lt;sup>13</sup> SPIAZZI, Guilherme. **Annihilator: Sempre fiel ao Metal**. p. 49, Ed. 178, Novembro, 2013.

Além dos convidados especiais, o entrevistador também busca a explorar a opinião da fonte a respeito do desempenho de outro integrante da banda no novo trabalho. Na entrevista concedida por Tom Angelripper, do *Sodom*, a Claudio Vicentin, na edição 174, de julho, dá um exemplo disso.

R.C.: Podemos perceber também que, como você comentou antes, existem mais músicas cadenciadas entre os destaques. *Cannibal Tracing The Victim* e *Into The Skyes Of War* são ótimos exemplos. Como você vê o trabalho do guitarrista Bernd 'Bernemann' Kost no álbum e em especial nessas composições?

Tom: [...] Sobre o Bernemaan, ele está conosco faz tempo e faz linhas de guitarra ótimas. Veja o que ele fez em *Tracing The Victim*, que é ótimo, e ainda traz aquele 'feeling' dos anos 80 em *Into The Skyes Of War*. Essa é uma de minhas preferidas do álbum, fazendo uma ótima junção da melodia com peso, aquele estilo que Motörhead faz e em cuja fonte procuramos beber<sup>14</sup>.

Na edição posterior, do mês de agosto, há a entrevista com Damon Johnson, do *Black Star Riders*, conduzida por Steven Rosen, em que uma das perguntas possui o mesmo objetivo de resposta do exemplo anterior.

R.C.: E como foi dividir as guitarras com Scott Gorham?

Damon: Chegou a ser surreal em alguns momentos, como no single *Bound For Glory*. Isso porque quando fomos trabalhar a música com a banda, ainda não existia aquela parte que abre a faixa. Não apenas fazíamos alguns "power chors" e íamos direto para a primeira estrofe. E foi num ensaio na fase de pré-produção, quando estávamos praticamente prontos para entrar no estúdio, que alguém falou: "Precisamos de alguma coisa aqui. Pode ser uma pequena melodia simples". Aí eu falei: "O que você acha disso, Scott?", e toquei uma frase. Ele adorou! Ensinei a ele o que tinha tocado e em seguida ele perguntou: "Que tal você tocasse assim?". Ele inclui alguns "beedings" e uns outros detalhes que ficaram perfeitos! Falei: 'É isso. É exatamente isso. Esse é Scott Gorham do Thin Lizzy. E eu estou vendo com meus próprios olhos<sup>15</sup>.

Outro aspecto geralmente levado às entrevistas é a arte da capa do CD, em que busca os significados dos elementos que a compõe, assim como sua relação com outros aspectos do álbum e da banda em geral. Na edição 173, há duas entrevistas que trazem perguntas com essa abordagem. A primeira é com o guitarrista alemão Maik Weichert, da banda *Heaven Shall Burn*, realizada por Guilherme Spiazzi.

R.C.: Na capa de Veto vocês abordaram arte e história através da obra de John Collier.

<sup>15</sup> ROSEN, Steven. **Black Star Riders: Os herdeiros do Thin Lizzy**. Roadie Crew. p. 48, Ed. 175, Agosto, 2013.

12

<sup>&</sup>lt;sup>14</sup> VICENTIN, Claudio. **Sodom: Entre a melodia e a agressividade**. p. 88, Ed. 174, Julho, 2013.

Maik: Acho que existe uma tradição de usar obras de arte em capas de bandas de Metal. A nossa banda preferida, Bolt Thrower, fez isso no disco *The IVth Crusade* e ficou muito legal. Pensamos nessa tradição, pois as pessoas comentam sobre isso. Geralmente as pessoas gastam mil dólares para ter a arte do encarte e aqui temos uma obra de alguns milhares de dólares. Claro que se trata de uma reprodução (risos). Mas, em se tratando de arte, é uma obra com qualidade bem superior a qualquer outra que pudéssemos conseguir. Ter Godiva com toda sua história e simbolismo casou muito bem com o título do álbum<sup>16</sup>.

Já o segundo exemplo está na entrevista da banda norueguesa *Darkthrone*, com o Fenriz, conduzida por Luciano Krieger.

R.C.: A capa chama a atenção, já que é bem rica em detalhes, diferente da tendência preto-e-branco usada nos últimos álbuns, e descreve uma batalha. Qual foi o critério para usar essa arte? O autor Jim Fitzpatrick chegou a escutar o álbum?

Fenriz: (muitos risos) Diabos! Nós nunca trabalhamos desse jeito. Seria muito intrusivo. Dylan Hughes (procurem por ele no Google) encontrou a imagem para nós, Ted disse que queria a imagem em tom marrom e pagamos mil dólares ao artista, dentro dos nossos limites, já que dependemos de outros empregos. Sabíamos que a imagem era certa para o Darkthrone!<sup>17</sup>.

A temática por trás do álbum, mais especificamente o conceito das letras das músicas, também é outro aspecto explorado pelos autores da *Roadie Crew*, quando a pauta é novo álbum ou o último lançamento da banda. Na edição 170, do mês de março, umas das entrevistas é com Tim Lambesis, vocalista da banda estadunidense *As I Lay Dying*, realizada por Guilherme Spiazzi. A seguir, um trecho da entrevista, em que ocorre essa observação, pode ser dado como exemplo.

R.C.: Então, você está cantando sobre assuntos bem pessoais, certo? Tim: Sim. Não me importo de comentar sobre o que as letras falam, mas também gosto de deixá-las abertas para interpretação. As letras são pessoais e acho que fica mais fácil para as pessoas se identificarem quando elas leem que escrevi a aplicam a seu modo<sup>18</sup>.

Outro exemplo também está em uma das entrevistas da edição 174, com o vocalista Mr. V, do *Vintersorg*, por Heverton Souza. Como pode ser visto a seguir, na pergunta, também é possível perceber que o entrevistador possui um conhecimento prévio sobre o conceito do álbum ao elaborar a questão.

<sup>&</sup>lt;sup>16</sup> SPIAZZI, Guilherme. Heaven Shall Burn: O direito pelo "não". Roadie Crew. p. 34, Ed. 173, Maio, 2013.

<sup>&</sup>lt;sup>17</sup> KRIEGER, Luciano. **Darkthrone: Metal puro - A velha resistência**. Roadie Crew. p. 68, Ed. 173, Maio, 2013

<sup>&</sup>lt;sup>18</sup> SPIAZZI, Guilherme. **As I Lay Dying: O começo de uma nova etapa**. Roadie Crew. p. 16, Ed. 170, Março, 2013.

R.C.: Você está lançando um disco por ano até completar quatro álbuns, cada um falando de um elemento (terra, ar, água e fogo), o que não é um tema muito comum. Como surgiu essa ideia?

Mr.V: Bem, eu não posso garantir que será um disco por ano, mas queremos que não haja um tempo muito longo entre cada lançamento. Eu sou muito ligado à Natureza, sempre a amei em todas as suas formas e era uma questão de tempo que eu fizesse algum trabalho baseado nos quatro elementos. Eu também gosto de filosofia, o que casou perfeitamente e engrandeceu o projeto. E tudo isso apesar de o significado por trás desses elementos não ser o mesmo de quando a humanidade se deu conta deles<sup>19</sup>.

Também vale observar que, ao longo das entrevistas, os autores fazem comentários sobre algumas faixas que compõe o lançamento, apontando sua opinião sobre os elementos que as constituem. Algumas vezes, são feitas perguntas diretas ao entrevistado, a fim de saber sua posição sobre o comentário do entrevistador. Ou, então, não há o formato de pergunta - assim como as questões de outros assuntos trazidos até então.

A entrevista principal da edição 177, que traz John Petrucci (guitarra) e Jordan Rudess (teclado), do *Dream Theater*, é constituída por algumas perguntas que seguem este enquadramento quando o tema é novo álbum.

R.C.: O solo na faixa instrumental *Enigma Machine* exigiu uma abordagem diferente de sua parte? Há muitas frases que você toca junto com Jordan e John Myung, e a música parece ser bem mais complexa que *The Looking Glass*.

John: Sem dúvida, é isso mesmo. *The Looking Glass* tem uma estrutura mais repetitiva, então sobra mais espaço para que você "respire" nela. Já quando uma música tem uma estrutura mais rígida, você precisa a se adaptar a isso na hora de fazer o solo. Isso diminui sua possibilidade de improvisar, mas fica mais fácil de estruturar porque você linhas mais rígidas de trabalhar<sup>20</sup>.

Quando determinada banda lança um material em diferentes formatos (como edição especial em vinil, CD duplo e entre outros), isso também se torna algo que poderá ser abordado em pauta - conforme aconteceu durante a entrevista com o cantor Tomi Joutsen, da banda finlandesa *Amorphis*, na edição 177, por Guilherme Spiazzi.

R.C.: O disco vem em diferentes formatos. Seria uma forma de conquistar o ouvinte para que ele tenha o material físico ao invés de ter apenas a versão digital?

Tomi: É legal ter diferente versões porque tem sempre alguém que odeia o CD, mas curte o vinil. A arte no vinil está bem legal, acho bom poder lançar algo nesse formato. Além disso, há algumas faixas bônus. Queríamos um disco sólido e optamos por nove faixas, mas gravamos quatorze, e esta é uma

1

<sup>&</sup>lt;sup>19</sup> SOUZA, Heverton. **Vintersorg: Uma viagem pelos quatro elementos**. Roadie Crew. p. 34, Ed. 174, Junho, 2013.

<sup>&</sup>lt;sup>20</sup> ROSEN, Steven; VICENTIN, Claudio. **Dream Theater: O recomeço**. Roadie Crew. p. 20, Ed. 177, Outubro, 2013.

razão para os diferentes formatos. O mercado japonês também exige material extra<sup>21</sup>.

A gravadora - a marca responsável pelo lançamento do CD - também pode ser pautada em alguns casos, principalmente quando a banda migrou para outra gravadora ou, então, em casos mais raros, quando o grupo decidiu lançar seu trabalho de maneira independente. O repórter Guilherme Spiazzi elaborou uma questão relacionada a este primeiro caso para a entrevista com Ray Alder, da *Fates Warning*, na edição 178.

R.C.: É o seu primeiro trabalho em uma nova gravadora, pois vocês passaram basicamente toda sua carreira com a Metal Blade Records, e agora estão com a Inside Out. O que ocasionou esta mudança?

Ray: Verdade, isso é estranho. Acho que depois desses anos todos com a Metal Blade decidimos tentar algo diferente, ver o que tem lá fora. A Metal Blade foi para uma direção diferente, eles têm muitas bandas novas de Grindcore, Metalcore, essas coisas. Não houve nenhum ressentimento, apenas resolvemos tentar algo diferente, vamos ver o que acontece (risos). A Inside Out está feliz por nos ter com eles<sup>22</sup>.

E, por fim, também ficou evidente, através da análise, que alguns entrevistadores buscam saber a opinião da fonte a respeito da receptividade que seu novo álbum tem recebido até o dado momento. Um exemplo disso pode ser conferido na entrevista com o guitarrista Christopher Johnsson, da banda *Therion*, também elaborada por Guilherme Spiazzi, no exemplar de número 170.

R.C.: Como tem sido a reação das pessoas quanto ao álbum? Christopher: Tivemos uma grande variação na resposta das pessoas, metade delas odiou e a outra amou o disco. Fazer um disco com músicas que talvez a avó deles adorassem foi uma maneira de quebrar a norma. Mas as pessoas reagiram de uma forma intensa para demonstrar que não gostaram. Quando uma pessoa não gosta, ela normalmente apenas não compra o disco, é comum. Mas dessa vez elas tiveram uma reação muito emocional. Então, como provocar no cenário Metal? Você tem que fazer com estilo, tem que fazer algo de que você goste, que outras pessoas também apreciarão, mas que também provocará muitas pessoas. Isso inclusive serviu para a promoção do disco, uma vez que eu mesmo tive que lançá-lo<sup>23</sup>.

Após observar os assuntos pautados mais recorrentes quando o assunto debatido é o novo álbum, juntamente com seus respectivos exemplos descritos acima, é interessante perceber que, em alguns casos, o entrevistador menciona a sua opinião, o que impulsiona a fonte a apontar a sua em uma ação de defesa ou concordância - o que, por consequência, gera um debate.

<sup>&</sup>lt;sup>21</sup> SPIAZZI, Guilherme. **Amorphis: Mantendo a relevância**. Roadie Crew. p. 50, Ed. 177, Outubro, 2013.

<sup>&</sup>lt;sup>22</sup> SPIAZZI, Guilherme. **Fates Warning: Revitalizando**. Roadie Crew. p. 80, Ed. 178, Novembro, 2013.

<sup>&</sup>lt;sup>23</sup> SPIAZZI, Guilherme. **Therion: Em Français**. Roadie Crew. p. 72, Ed. 170, Março, 2013.

Conforme já mencionado anteriormente, há perguntas de caráter mais opinativo, ao querer explorar a opinião do artista sobre a sua própria obra ou banda em geral.

Durante a análise, também foi observado que lançamentos de DVD/Blu-ray são levados em consideração. Neste caso, o grupo é questionado a respeito do local onde o show foi filmado para o lançamento; opinião sobre a apresentação e o público; equipamentos utilizados; as participações especiais; e os formatos do trabalho.

Também vale apontar que, apesar de não ser o tema principal de determinadas entrevistas, o assunto sobre o novo lançamento é, na maioria das vezes, abordado em algum momento durante a entrevista - o que faz acreditar que o entrevistador realiza um resgate de todas as atualizações recentes da banda, a fim de criar uma contextualização ao público.

Levando em consideração as classificações das entrevistas quanto aos seus objetivos, de acordo com Medina (2008), as pautas que giram em torno do novo álbum predominam os tipos de entrevista temática e em profundidade. Como o próprio nome já sugere, a temática é especificada a um determinado tema, enquanto a de profundidade permite o entrevistador a explorar o assunto mais a fundo - o que acontece quando se cria perguntas a respeito dos bastidores da criação da obra ou a razão de tê-la criado em tais modos.

Por fim, também é possível notar que, quando a pauta se trata de um lançamento de determinada banda, a lógica da entrevista consiste em criar uma representação do grupo musical abordado - uma vez que seu produto cultural oferecido ao público é uma forma de representar suas características, sendo elas sonoras, figurativas e conceituais.

### 5.2. O espetáculo em pauta

Conforme mencionado no capítulo anterior, outro produto que as bandas oferecem ao público é a sua performance ao vivo. Com isso, durante a análise, foi observado que as apresentações também são transformadas em pautas jornalísticas para as entrevistas da *Roadie Crew* - sendo elas o tema central ou secundário do questionário, que podem ser recorrentes ao longo de suas edições.

Assim como o lançamento do novo álbum, o assunto é tratado por uma série de algumas perguntas que podem se repetir em outras entrevistas, quando se trata de um show passado ou futuro na carreira da banda.

O tema pode ser tratado por meio dos elementos que constituem uma apresentação de uma banda de heavy metal como, por exemplo, questionando à fonte sobre o repertório selecionado, suas expectativas, equipamento utilizado nos shows ao vivo, participações especiais, opinião sobre o público, local e o saldo da apresentação.

Um exemplo do uso do repertório como uma forma corriqueira de abordar a pauta do show pode ser vista na entrevista com Zinny J. Zan, da banda *Shotgun*, realizada por Ricardo Batalha, localizada na seção "Cenário" da edição 169. A pauta, mais especificamente, trata-se do retorno da banda à ativa, o que inclui os seus próximos shows nesta nova fase.

R.C.: Você deixou o Shotgun Messiah em 1990 e depois a banda soltou Second Coming com Tim Skold no vocal. Nesses shows vocês pretendem apresentar quais músicas?

Zinny: Tocaremos o primeiro disco inteiro, exceto a faixa *Explore*, que é um legado de Harry (K. Cody). Poderemos incluir dois ou três temas do segundo álbum, já que Stixx esteve nele. Preciso fazer justiça a essas músicas<sup>24</sup>.

Além disso, quando o show também está previsto para acontecer, são elaboradas perguntas a respeito da expectativa para este feito - principalmente quando será a primeira vez que a banda se apresentará em determinado território. Um exemplo disso está na entrevista com Mathias "Warlord" Nygard, da banda finlandesa *Turisas*, conduzida por Christiano K.O.D.A, na seção "Cenário", da edição 168. Também vale mencionar que este seria o primeiro show da *Turisas* no Brasil, que aconteceu em março de 2013, dois meses após a edição ser publicada.

R.C.: O que esperam dos shows no Brasil? Tocarão novas músicas nessas apresentações?

Mathias: Por muitos anos nossos fãs no Brasil esperaram nossa ida. Estivemos perto disso algumas vezes, mas infelizmente as coisas não deram certo. Agora, finalmente faremos nossa primeira turnê na América Latina e o que posso dizer é que estamos muito empolgados! Lógico que esperamos ver shows lotados, baseados em todos os pedidos que recebemos durante os anos. Também estamos de olho no clima incrível, experimentando a atmosfera festiva do Brasil e, claro, os shows matadores. Estou respondendo esta entrevista de dentro do estúdio de gravação, então há possibilidade de tocarmos material inédito, mas não vamos fazer promessas<sup>25</sup>.

Como pode ser observado, o assunto sobre o repertório reaparece na entrevista com o *Turisas*, mesmo sendo uma questão complementar à anterior.

Já quando uma banda se apresentou no Brasil anteriormente, o entrevistador a questiona quais são suas lembranças do show no país - através da análise, foi observado que este tipo de pergunta ocorre quando a banda está com um retorno confirmado ao Brasil, mas também há casos em que um novo show ainda não está previsto para acontecer.

<sup>25</sup> K.O.D.A, Christiano. **Turisas: Novo álbum e shows no Brasil**. Roadie Crew. p. 6, Ed. 168, Janeiro, 2013.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>24</sup> BATALHA, Ricardo. **Shotgun: Zinny J.Zan está de volta**. Roadie Crew. p. 8, Ed. 169, Fevereiro, 2013.

Na edição 176, de agosto de 2013, a entrevista principal é com Jeff Walker, da banda *Carcass* - a qual se apresentou no Brasil em abril. Assim sendo, uma das perguntas abordava sobre a sua recente aparição no país.

R.C.: Qual sua opinião sobre o show que fizeram este ano no Brasil? Jeff: Foi animal! Para ser honesto, estava um pouco preocupado com o número de espectadores porque quando agendamos os shows a ideia de um álbum ainda não era sólida. Então eu me perguntava: 'Por que voltar para o Brasil? Por que temos um show agora?' Mas o público foi bom, considerando que não tínhamos um disco novo. Acho que o interessante foi o fato de os fãs poderem conhecer os novos membros da banda. Isso é algo que precisa ser considerado e deixou o show interessante. Foi o primeiro grande show que fizemos, já que as três apresentações anteriores em Londres foram em clubes pequenos<sup>26</sup>.

Outro exemplo - mas, desta vez, com uma banda que não possuía retorno confirmado ao Brasil até então - pode ser conferido na entrevista com Dani Filth, da banda *Cradle Of Filth* - na edição 170, por Thiago Sarkis.

R.C.: Como foram suas experiências no Brasil? Vocês têm planos de retornar?

Dani: Todas as nossas experiências no Brasil foram incríveis pelos fãs e shows, mas cansativas pela agenda e pelas viagens. É sempre corrido demais, mas queremos retornar com um set list bem diversificado. Acredito que serão grandes shows novamente<sup>27</sup>.

Curiosamente, meses após a entrevista, o *Cradle of Filth* confirmou retorno ao Brasil, se apresentando no país no mesmo ano. Geralmente, esta questão é a última ou, então, uma das últimas que compõe a entrevista.

Ainda sobre viagens ao Brasil, a pergunta de maior recorrência nas entrevistas analisadas é sobre quando haverá um show no país - independente se o grupo já veio ou não ao Brasil -, também localizada no fim do questionário.

Dois exemplos deste fato podem ser conferidos a seguir. O primeiro é com Kelly Smith, do *Flotsam And Letsam*, na entrevista realizada por Guilherme Spiazzi, na edição 173.

R.C.: Existe alguma negociação com relação ao Brasil? Kelly: Quem estiver interessado em levar o Flotsam & Letsam pode entrar em contato porque estamos interessados em tocar aí. Sei que já existe uma conversa acontecendo, estamos trabalhando duro para que algo aconteça. Provavelmente estaremos aí antes de ir para a Europa<sup>28</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>26</sup> SPIAZZI, Guilherme. **Carcass: Um banquete para fãs de música extrema**. Roadie Crew. p. 20, Ed. 176, Setembro, 2013.

<sup>&</sup>lt;sup>27</sup> SARKIS, Thiago. **Cradle Of Filth: Ícones da contrariedade**. Roadie Crew. p. 56, Ed. 170, Março, 2013.

<sup>&</sup>lt;sup>28</sup> SPIAZZI, Guilherme. **Flotsam And Jetsam: Nada a perder**. Roadie Crew. p. 82, Ed. 173, Maio, 2013.

Outro exemplo é com a banda Amaranthe, representada pelo seu guitarrista Olof Mörck em entrevista, também conduzida por Spiazzi, na edição 175.

R.C.: Quando veremos o Amaranthe no Brasil?

Olof: Já recebemos algumas ofertas e estamos tentando fechar algo. Não posso afirmar exatamente quando iremos, mas diria que as chances de irmos a esse ano são grandes<sup>29</sup>.

Em ambos os casos, trata-se de perguntas que encerram a entrevista, e sendo as mais recorrentes nas edições, conforme relatado anteriormente. Sendo assim, pode-se acreditar que, se tratando de um tema relacionado aos shows, esta possa ser a questão de maior relevância no questionário - levando em consideração a ordem em que as perguntas estão dispostas, e principalmente o interesse do público.

Perguntas mais diretas às expectativas (ao contrário do que aconteceu no exemplo dado acima com o *Turisas*, em que o foco principal, na verdade, era seu repertório), também são bastante comuns.

Um bom exemplo está na entrevista com Doe Snider, do Twisted Sister, que retornou ao Brasil em 2013, para se apresentar no festival Live N' Louder. A entrevista está localizada na seção "Cenário" da edição 171, por Guilherme Spiazzi.

> R.C.: Como estão as expectativas para sua apresentação no festival "Live N" Louder"?

> Doe: Quer saber uma coisa? Quando estivemos no Brasil pela primeira vez uns anos atrás, eu me perguntei por que levamos tanto tempo para tocar aí. O público é fantástico, o amor pelo Twisted Sister é incrível e espero que o entusiasmo seja o mesmo. Espero fazer o show que as pessoas desejam, será o Twisted Sister pegando fogo! [...]<sup>30</sup>.

Além disso, quando determinadas bandas tiveram a oportunidade de se apresentar em lugares remotos recentemente, este fato também pode ser abordado em pauta na Roadie Crew - conforme aconteceu na entrevista com Zak Stevens, da banda Circle II Circle, na edição 171, por Spiazzi; e na edição 176, com Iuri Sanson e Abel Camargo, da banda Hibria, por Antonio Carlos Monteiro.

> R.C.: O Circle II Circle também tocou em Dubai, nos Emirados Arábes. Como foi essa experiência?

> Zak: O mercado por lá está se abrindo para o Rock e o Metal. Foi uma das primeiras bandas a tocar por lá e a experiência foi ótima! Tivemos um público de aproximadamente seiscentas pessoas vindas de quatro ou cinco países diferentes. Apenas 10% da população são dos Emirados Árabes, o restante é composto por pessoas de 190 nacionalidades. Ou seja, tem todo o tipo de pessoa do mundo por lá. Nosso show havia sírios, libaneses, árabes,

<sup>30</sup> SPIAZZI, Guilherme. Twisted Sister: "Rockstars são dinossauros". Roadie Crew. p. 8, Ed. 171, Abril, 2013.

<sup>&</sup>lt;sup>29</sup> SPIAZZI, Guilherme. **Amaranthe: No momento certo**. Roadie Crew, p. 26, Ed. 175, Julho, 2013.

omanis, e até gente do Bahrein, um país bem restrito, você não pode fazer shows por lá. Foi bem interessante ver o Oriente Médio pela primeira vez<sup>31</sup>.

R.C.: Vocês tocaram na China em 2011, algo inédito para uma banda brasileira. Que tal tocar lá?

Iuri: Com certeza foi o público mais louco para quem a gente já tocou. É muito diferente do resto da Ásia. Eles vivem num regime muito fechado por conta do comunismo. Então, as informações que chegam são muito limitadas, o governo controla tudo. E a gente estava curioso para saber como a galera ia reagir ao nosso show. Nós chegamos no hotel e a primeira coisa que fizemos foi pesquisar no Google deles sobre o Hibria. A única coisa que apareceu foi o clipe de Tiger Punch (de Skull Collectors). A gente tocou em Xangai em um festival ao ar livre que reunia bandas de todos os estilos, inclusive de Metal Extremo. Tinha dez a quinze mil pessoas. E durante todo o set o pessoal agitou e pulou o tempo todo, mesmo sem conhecer as pessoas. Lógico que Tiger Punch foi a explosão, por ser a música conhecida, mas eles não deixaram de agitar nas demais, abrindo roda e tudo o mais<sup>32</sup>.

É interessante observar que, nos dois casos descritos acima, o entrevistador não conseguiu apenas captar a opinião da banda sobre o público para o qual se apresentou - mas também todo o contexto que os envolve, como as características e sistemas dos locais.

Além da opinião sobre o local e seu respectivo público, também é recorrente que o entrevistador almeje conquistar uma posição da fonte a respeito das participações especiais que sua banda contou e/ou contará durante a turnê e/ou em um festival - como foi o caso com a entrevista com Jason Hook, da banda *Five Finger Death Punch*, na edição 177, para Steven Rosen.

R.C.: Para terminar, recentemente vocês participaram do 'Mayhem Festival (N.T.: festival americano itinerante que este ano foi do final de junho até o início de agosto). Como foi tocar com Mastodon e Rob Zombie? Jason: Nós éramos 'co-headliners' com Rob Zombie, que fechava as noites. O Mastodon tocava antes da gente. O 'Mayhem Festival' é, na minha opinião, o melhor festival do momento. E neste ano o 'cast' foi muito variado. No palco principal, em que a gente tocava, a banda de abertura era o Amon Amarth. Eles entravam no palco com espadas e escudos num barco viking, era muito legal!<sup>33</sup>.

Outro exemplo também pode ser visto na mesma edição, na entrevista com Eric Peterson, da *Testament*, para Claudio Vicentin. Desta vez, é interessante observar que o entrevistador ressalta o fato que a fonte participará de uma turnê com bandas mais modernas e recentes.

<sup>&</sup>lt;sup>31</sup> SPIAZZI, Guilherme. Circle II Circle: Em sua melhor fase. Roadie Crew. p. 16, Ed. 171, Abril, 2013.

<sup>&</sup>lt;sup>32</sup> MONTEIRO, Antônio Carlos. **Hibria: Terceira força do Metal nacional?.** Roadie Crew. p. 26 Ed, 176, Setembro, 2013.

<sup>&</sup>lt;sup>33</sup> ROSEN, Steven. **Five Finger Death Punch: Peso e melodia**. Roadie Crew. Ed. 177, p. 94, Outubro, 2013.

R.C.: Vocês irão fazer uma turnê com o Lamb Of God e Killswitch Engage. Comparando com o Testament, eles fazem parte de uma nova geração do Metal. Como será para o Testament tocar com essas bandas?

Eric: Eu conheço esses caras tem bastante tempo e quando eles começaram eram muito fãs do Testament. Eles trabalham pesado e merecem a posição em que estão hoje em dia, é o momento deles. Então, nos convidaram para abrir os shows deles e por que não? Teremos fãs mais jovens vendo o Testament ao vivo, o que será legal para nós. Também levaremos alguns fãs mais velhos que os verão pela primeira vez [...]] É uma ajuda mútua<sup>34</sup>.

Após analisar as questões mais recorrentes que abordam o tema "shows" nas entrevistas da *Roadie Crew*, é possível dividi-las em duas categorias: as que promovem certo "agendamento" para os espetáculos que ainda irão acontecer; e as que são constituídas pelas opiniões dos artistas juntamente com as informações que revelam um pouco dos bastidores de uma turnê, mas também dotadas de um teor opinativo (por exemplo, como foi se apresentar em determinador lugar, para determinado público, etc).

Neste caso, perguntas sobre o repertório, expectativas e prováveis participações de outras bandas pertenceriam a este quadro do agendamento - uma vez que o espetáculo pode ser considerado como um acontecimento anunciado, o que causa mobilização na tribo, deixando o público preparado à sua espera. Logo, vale lembrar alguns conceitos que Almeida e França (2008) trazem sobre o acontecimento, como aquilo que provoca o debate e, consequentemente, a produção de discurso.

E, considerando alguns costumes da cultura heavy metal, frequentar casas de shows e festivais é um ritual rotineiro praticado pelos *headbangers* - fato que pode reforçar o motivo de transformarem os espetáculos em pautas jornalísticas, e criar determinadas perguntas que podem se repetir a certa frequência em suas edições.

Sendo assim, tais razões postas acima reforçam a ideia de que a pergunta "quando virá ao Brasil" possa ser a de maior importância em um questionário - possuindo, então, o maior interesse do público - também observando curiosamente sua disposição na entrevista.

### 5.3. O resgate histórico como tema em entrevista

De acordo com Daniel Piza (2011), um dos pontos fortes do jornalismo cultural é o perfil jornalístico. E, segundo o autor, "pode ser uma leitura saborosa quando consegue contar passagens relevantes da vida e carreira do entrevistado, colher suas opiniões em assuntos importantes, ouvir o que dizem dele os amigos e os inimigos, mostrar como faz o que faz".

\_

<sup>&</sup>lt;sup>34</sup> VICENTIN, Claudio. **Testament: Impressionando ao vivo**. Roadie Crew. Ed. 177. p. 68, Outubro, 2013.

Tratando-se de um veículo segmentado do jornalismo cultural, a *Roadie Crew* também traz perfis de personalidades do heavy metal. No entanto, o perfil não se limita apenas em forma de texto. Curiosamente, o perfil na *Roadie Crew* se encontra, em maior parte, nas entrevistas de suas edições.

No entanto, vale mencionar que o foco nesta análise não está direcionado à observação da estrutura do perfil em si na *Roadie Crew* - mas sim o considerando como um eixo temático que pode ajudar a constituir as entrevistas.

Uma das pautas mais recorrentes se refere à carreira de variadas bandas - para ser mais exato, das 156 entrevistas analisadas, 51 traziam assuntos relacionados à história da banda e/ou artista, sendo em boa parte delas predominando no número de perguntas.

Um exemplo interessante é a primeira edição de 2013, de número 168 (janeiro), e traz em sua capa a imagem do músico alemão "Schmier" Schirmer, da banda *Destruction*, com o título: "*Destruction*: 30 anos de fúria". Todas as 13 grandes entrevistas que compõem o exemplar possuem um assunto relacionado à história da banda em algum momento no questionário. Mas, em quatro delas, as pautas principais são mais direcionadas à carreira - como, além da *Destruction* (30 anos), *Doro* (30 anos), *Tygers Of Pan Tang* (35 anos) e *Moonspell* (20 anos).

Conforme diz a citação de Piza (2011) descrita acima, para um bom perfil, é preciso buscar fatos relevantes da carreira da fonte, além de suas opiniões sobre outros fatos. E, ao analisar as entrevistas que englobam a carreira das bandas, tais necessidades pregadas pelo autor foram identificadas.

A começar pela história da banda - houve perguntas recorrentes em que buscavam saber a origem da formação de determinado grupo musical. Como, por exemplo, na entrevista da própria *Destruction*, conduzida por Claudio Vicentin.

R.C.: O que você se recorda de quando teve a ideia de montar uma banda? Schmier: O início do Destruction se deu com Mike e Tommy, que já tinham uma banda e estavam procurando por um baixista. Quando eu entrei na banda ela se chamava Knight Of Demon e eles tocavam um Rock'n'Roll com pegada de Hard Rock. Mas quando eu entrei nós decidimos fazer um som mais rápido e brutal já que eu estava buscando algo mais pesado. Então, trocamos o nome para Destruction e assim tudo começou<sup>35</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>35</sup> VICENTIN, Claudio. **Destruction: Eternizando as raízes do Thrash Metal**. Roadie Crew. p. 20, Ed. 168, Janeiro, 2013.

É interessante observar que esta mesma espécie de pergunta também foi lançada para bandas mais recentes - como foi o caso da *Red Lamb*, na mesma edição da *Destruction*, com Dan Spitz, conduzida por Thiago Sarkis.

R.C.: Como e quando surgiu para você essa ideia de iniciar um novo projeto musical?

Dan: O início do Red Lamb se deu pouco após o fim da turnê de reunião do Anthrax. Naquela época, conversei com Charlie Benante (Anthrax), Scott Ian (Anthrax) e meus demais companheiros e senti que não tínhamos mais como fazer músicas juntos [...] Contudo, como a maioria dos fãs sabe, trabalho no ramo da relojoaria, tenho família, filhos, lojas e clientes a entender [...] Então, com esses e outros fatores, decidi não prosseguir com meus irmãos do Anthrax. Voltei para a minha família, mas também percebi que não queria me afastar da música. Surgiu, então, o Red Lamb<sup>36</sup>.

E, assim por diante, outras perguntas vão explorando cada vez mais o "gênesis" da banda, até chegar a seu estado atual. Uma abordagem interessante feita a este fato, e geralmente utilizada nestas entrevistas, é uma espécie de "retrospectiva opinativa", fazendo alusão a uma visão de carreira quando sua atuação na música começou.

Uma boa exemplificação pode ser conferida no trecho a seguir, da entrevista com Lars Ulrich, do *Metallica* (banda à qual foi destaque na edição 170), realizada por Dave Everley.

R.C.: Quando o Metallica começou, há 30 anos, você podia imaginar que alcançaria o sucesso que ostenta hoje?

Lars: Não. Na verdade, eu tenho duas vidas... Eu posso estar de pé antes das sete da manhã para minhas atividades normais de pai, como fazer o café da manhã e levar as crianças para a escola, como milhares de pais fazem diariamente. Essas são atividades domésticas com que inúmeros músicos têm que lidar de forma rotineira. Daí, algumas horas depois, estou correndo para o aeroporto a fim de voar para alguma cidade e tocar diante de alguns milhares de pessoas. E aí tem horas em que você para e pensa: 'Cara, isso é realmente estranho. Agora pouco eu estava deixando as crianças na escola!' Então são dois mundos que existem em paralelo e isso é maluco... Aliás, 'maluco' é uma palavra cada vez mais recorrente para mim. Toda coisa, se você parar pra pensar, é completamente maluca. Mas a verdade é que eu vivo isso há décadas e não é algo que me incomode<sup>37</sup>.

A evolução da musicalidade da banda ao longo dos anos também é outro aspecto a ser explorado nas entrevistas. Neste caso, a análise do progresso do grupo é feita pelo entrevistador por meio de uma pergunta que inclua o seu trabalho mais recente - sendo assim, é interessante notar que o tema do novo álbum é abordado novamente dentro da pauta a respeito da carreira da banda.

<sup>&</sup>lt;sup>36</sup> SARKIS, Thiago. **Red Lamb: Ex-Anthrax abençoado por Dave Mustaine**. Roadie Crew. p. 94, Ed. 168, Janeiro. 2013.

<sup>&</sup>lt;sup>37</sup> EVERLEY, Dave. **Metallica: Lars Ulrich nu e cru**. Roadie Crew. p. 20, Ed. 170, Março, 2013.

Um exemplo disto está na entrevista com Dave Mustaine, da banda *Megadeth*, que lançou um novo CD, *Super Collider*, em 2013. A questão, que pode ser conferida a seguir, foi elaborada por Steven Rosen, na entrevista localizada na edição 174.

R.C.: Você lembrou do primeiro disco do Megadeth... Foi uma jornada e tanto até vocês poderem comemorar o trigésimo aniversário com o lançamento de *Super Collider*, não?

Dave: Tenho muito orgulho de tudo isso. Sei que existe gente que tem restrições em relação ao novo trabalho, mas essas pessoas que queriam passar o resto da vida ouvindo *Good Mourning/Black Friday* (música de *Peace Sells... But Who's* 

Buying?, segundo disco da banda, lançado em 1986). E eu lamento por elas, cara... Eu até entendo, lembro da primeira vez em que ouvi AC/DC e comparo com o que eles fazem hoje, são duas coisas bem diferentes. Mas acredito que se você é um fã de verdade de uma banda, você a acompanha em todos os momentos e amadurece junto com ela - ou então deixa de ser fã. Sempre amei a fase inicial do AC/DC e tenho um profundo respeito pelo que eles fazem hoje<sup>38</sup>.

Ainda abordando o novo lançamento a fim de criar uma contextualização no assunto sobre a carreira do grupo, também há comparações com os álbuns não tão antigos da banda - geralmente, nestas perguntas, o disco escolhido para a comparação é o antecessor ao novo. Na mesma edição de julho, é possível observar um exemplo deste fato na entrevista com Neil Fallon, da *Clutch*, por Antonio Carlos Monteiro.

R.C.: Por favor, comparte *Earth Rocker* com o trabalho anterior, *Strange Cousins From The West*.

Neil: Em termos de letras o anterior era mais sombrio, enquanto *Earth Rocker* é mais alegre, mais 'pra cima'. Musicalmente, acredito que *Strange Cousins From The West* seja mais pesado, enquanto o novo tem uma linha mais "rocker", com mais energia<sup>39</sup>.

Com o uso destas comparações em pauta, pode-se perceber certa mudança no direcionamento musical da banda em um determinado intervalo de tempo - de um lançamento para o outro - em sua carreira, o que também modifica, de fato, sua identidade.

Já que as bandas estão sujeitas a mudanças no decorrer dos anos, a sua formação também pode ser modificada, com a saída de músicos e a entrada de novos integrantes. Logo, tratando-se da história do grupo em pauta, perguntas relacionadas à formação também são frequentes - como na entrevista com Ryan Waste, da banda *Municipal Waste*, conduzida por Steven Rosen na edição 173.

R.C.: Como era trabalhar com Brendan Trache e Andy Harris (N.T.: respectivamente, primeiro baterista e baixista da banda)?

\_

<sup>&</sup>lt;sup>38</sup> ROSEN, Steven. **Megadeth: A maturidade chega aos 30**. Roadie Crew. p. 78, Ed. 174, Julho, 2013.

<sup>&</sup>lt;sup>39</sup> MONTEIRO, Antonio Carlos. Clutch: Rock'n'Roll puro e simples. Roadie Crew. p. 96, Ed. 174, Julho, 2013.

Ryan: Quando Brendan entrou, nós passamos por uma reformulação na forma de compor, já que nós dois passamos a fazer isso. Até então, eu era mais voltado para o Heavy Metal e ele para o Hardcore, então havia apenas um ponto em que concordávamos: as músicas tinham que ser rápidas<sup>40</sup>.

Como pode ser visto no exemplo acima, a entrada de determinado músico na banda contribuiu para uma mudança em seu direcionamento musical. Assim sendo, é possível chegar à conclusão que o entrevistador não tem apenas o intuito de levantar um resgate histórico sobre os ex-membros do grupo - mas também buscar suas contribuições que deixaram para a banda na visão da fonte entrevistada.

As participações especiais de outros artistas em um determinado momento na carreira da banda também costuma ser levado em pauta. Um exemplo disso está na entrevista com a banda *Anthrax*, mais especificamente com o baterista Charlie Benante, concedida a Guilherme Spiazzi, na edição 171.

R.C.: O baterista Jon Dette (N.R.: hoje substituto de Dave Lombardo no Slayer) fez uma turnê com o Anthrax no seu lugar. Como você encara isso? Charlie: Quem sugeriu o nome dele foi meu amigo Jason Bittner (Shadows Fall). Conversei com Jon e ele aceitou o trabalho. Trata-se de um cara simples e legal, acho que ele sabe as músicas melhor que eu (risos)<sup>41</sup>.

Além disso, quando a fonte entrevistada já participou de outras bandas no passado, a sua carreira em seus grupos anteriores geralmente é abordada - conforme aconteceu durante a entrevista com o guitarrista Jeff Loomis, na edição 168, a Steven Rosen. Em seguida, outro exemplo está na edição 176, na entrevista com o também guitarrista Timo Tolkki, conduzida por Claudio Vicentin.

R.C.: Agora que você não está mais no Nevermore, como você avalia tudo o que criou com a banda?

Jeff: Puxa, cara, nós ficamos muito tempo juntos, como já comentei, fizemos excelentes turnês, participamos de festivais incríveis e conhecemos muitas pessoas ótimas! Acredito que todo livro tem que ter seu fim e quando uma porta se fecha, imediatamente outra se abre. Ainda sou amigo dos caras, nós nos falamos constantemente<sup>42</sup>.

R.C.: Você sente saudade de tocar no Stratovarius?

Timo: Sinto muita saudade. Foi o melhor tempo de minha vida.

R.C.: Você se arrepende de ter saído da banda?

Timo: Não. Da maneira que aconteceu era o que tinha que ser feito. Não existia mais energia para ser criativo. O clima estava péssimo. Talvez pudesse ter sido de maneira diferente, pois acabamos entrando nessa estúpida briga pública que nunca deveria ter acontecido. O que eles estão

<sup>&</sup>lt;sup>40</sup> ROSEN, Steven. **Municipal Waste: Para liberar os piores instintos**. Roadie Crew. p. 14, Ed. 173, Junho, 2013.

<sup>&</sup>lt;sup>41</sup> SPIAZZI, Guilherme. **Anthrax: Boas influências**. Roadie Crew. p. 66, Ed. 171, Abril, 2013.

<sup>&</sup>lt;sup>42</sup> ROSEN, Steven. **Jeff Loomis: Novos horizontes**. Roadie Crew. p. 90, Ed. 168, Janeiro, 2013.

fazendo no momento está correto, tem músicos novos na banda. Acho que essa é a décima formação do Stratovarius. Quando vejo a foto e o nome Stratovarius eu sinto estranheza porque estive 22 anos naquela banda. Acho que existem muitos fãs que gostariam de ver aquela formação clássica reunida e fazendo pelo menos mais um álbum<sup>43</sup>.

Dando continuidade à trajetória da banda em entrevista, as dificuldades enfrentadas ao longo da carreira também costumam entrar em pauta - como pode ser observado, por exemplo, na entrevista com Michel "Away" Langevin, da banda canadense *Voivod*, por Steven Rosen.

R.C.: Houve momentos em que foi complicado manter a banda na ativa? Michel: Quando eu penso em tudo que passamos, percebo que foi uma aventura maravilhosa para mim, porque eu vivi todos esses momentos. Mas houve dois fatos bem pesados na nossa trajetória. O primeiro foi o acidente na Alemanha em 1998, no qual o vocalista Eric Forrest foi lançado fora da van (N.T.: Eric levou vários meses para se recuperar totalmente), e, obviamente, a morte de Piggy. Mas, à exceção desses dois episódios, foi uma experiência sensacional continuar excursionando, tocando e promovendo a arte<sup>44</sup>.

Há também perguntas voltadas a feitos mais específicos de cada banda, sendo geralmente um fato curioso que ocorreu durante a carreira do grupo, o qual teve um impacto significativo em sua história. Dois exemplos distintos podem ser conferidos na entrevista com a banda *All That Remains* (com o vocalista Phil Labonte a Guilherme Spiazzi, na edição 169), e com a *Siege Of Hate* (representada pelo vocalista e guitarrista Bruno Gabai na edição 176, a Christiano K.O.D.A).

R.C.: Vocês visitaram uma base de fuzileiros navais onde se encontraram com vários fãs. Como foi esse encontro?

Phil: Foi muito bom. Faz quase dezoito anos que fiz parte disso e foi legal estar lá. Quando chegamos, havia uma fila com uns duzentos fuzileiros e ficamos lá por cerca de uma hora e meia<sup>45</sup>.

R.C.: Como se deu a ajuda do Programa Cultura da Gente, do Centro Cultural Bando do Nordeste?

Bruno: O Cultura da Gente é um programa do Banco Nordeste que busca estimular e apoiar o lado cultural dos funcionários da instituição, como música, poesia, artes plásticas, teatro, etc. Sou concursado do banco. Daí, quando foi lançado o edital do programa, no final de 2011, apresentei o projeto do CD do Siege Of Hate, que foi aprovado. É uma iniciativa muito legal da instituição, pois serve de incentivo para que seus funcionários também tenham a oportunidade de desenvolver seus projetos pessoais, seu lado mais criativo e humano. Isso é uma ação de responsabilidade social da

<sup>&</sup>lt;sup>43</sup> VICENTIN, Claudio. Timo **Tolkki's Avalon: Metal Opera, Symphonia, Stratovarius e muito mais...** Roadie Crew. p. 94, Ed. 176, Setembro, 2013.

<sup>&</sup>lt;sup>44</sup> ROSEN, Steven. Voivod: **30 anos sem perder a pegada. Roadie Crew.** p. 26, Ed. 169, Fevereiro, 2013.

<sup>&</sup>lt;sup>45</sup> SPIAZZI, Guilherme. **All That Remains: Vivenciando a guerra**. Roadie Crew. p.81, Ed, 169, Fevereiro, 2013.

empresa e funciona também como uma forma de reconhecimento à dedicação dos trabalhadores no dia a dia 46.

Por fim, também vale ressaltar que há entrevistas com a pauta principal direcionada à carreira, mas apenas sobre a fonte entrevistada. Pela análise, foi possível observar que este fato ocorre quando o entrevistado é um músico que se ingressou recentemente em determinada banda - conforme aconteceu, por exemplo, com a vocalista Floor Jansen (*Nightwish*), o baterista Mike Mangini (*Dream Theater*) e o guitarrista Richie Faulkner (*Judas Priest*) nas edições 169 e 176, respectivamente.

Neste caso, percebe-se que o entrevistador elabora perguntas com o intuito de apresentar a nova personalidade ao público, questionando-a sobre sua entrada na banda, sua atuação e desenvolvimento no grupo, e sua participação em outros projetos passados e atuais.

R.C.: Como seu o convite para substituir Anette Olson nessa parte da turnê? Floor: Recebi uma ligação do Tuomas (Holopainen) perguntando se teria como eu ajudar na turnê que tinha que seguir em frente. Nem pestanejei, porque adoro a banda tem muito tempo!<sup>47</sup>

R.C.: Falemos um pouco de sua adaptação ao Dream Theater e ao material da banda. Quais foram as músicas antigas do grupo que lhe apresentaram mais desafios como baterista?

Mike: Penso que o mais desafiador para mim foi o material antigo. A bateria das músicas *When Dream And Day Unite* (1989), por exemplo, é muito frenética, orgânica e dinâmica. Há mudanças demais ali. É difícil reproduzir aquilo com exatidão. Por isso, precisei me dedicar exaustivamente àquelas músicas a fim de detectar todos os detalhes. O material mais recente é mais tranquilo. Mesmo *Images And Words* (1992) não foi tão complicado, já que a produção é melhor e é mais fácil de escutar cada mínima variação<sup>48</sup>.

R.C.: Você tocava numa banda cover de Judas Priest antes de ingressar no Judas Priest verdadeiro. Quais músicas você tocava com a banda cover? Richie: Um problema de ter uma banda cover do Judas Priest é que nunca se encontra um vocalista que consiga cantar o repertório de *Painkiller* (1990). Se você não consegue alguém com um registro parecido com o de Rob Halford, fica parecendo um gato gritando (risos). *Painkiller* é um disco completo, tanto em termos musicais como vocais, e não conheço muitas pessoas que consigam tocá-lo e cantá-lo. Então, nós fazíamos temas como *The Green Manalishi (With The Two Prong Crown)*, *Breaking The Law* e coisas assim. Obviamente eu sabia tocar os riffs das músicas de *Painkiller*, mas nunca chegamos a apresentar qualquer uma delas porque nunca encontramos um vocalista que fosse capaz de cantá-las<sup>49</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>46</sup> K.O.D.A, Christiano. **Siege Of Hate: Mais agressividade e desesperado**. Roadie Crew. p.90, Ed. 176, Setembro, 2013.

<sup>&</sup>lt;sup>47</sup> VICENTIN, Claudio. **Nightwish: Floor Jansen na espera**. Roadie Crew. p. 6, Ed. 169, Fevereiro, 2013.

<sup>&</sup>lt;sup>48</sup> SARKIS, Thiago. **Dream Theater: Sonho realizado para Mike Mangini**. Roadie Crew. p. 94, Ed. 169, Fevereiro, 2013.

<sup>&</sup>lt;sup>49</sup> ROSEN, Steven. **Judas Priest: Sangue novo**. Roadie Crew. p.82, Ed. 176, Setembro, 2013.

Após analisar as entrevistas que abordam os assuntos relacionados à carreira das bandas, chega-se à ideia de que elas trazem o gênero perfil por meio do diálogo de perguntas e respostas entre os agentes. Em outras palavras, tais pautas possuem um teor biográfico, que resgatam e apresentam fatos relevantes e curiosos ao público.

No entanto, também é possível perceber que há uma contextualização quando há bandas comemorando aniversário de carreira - como, por exemplo, fazendo seu resgate histórico até chegar ao seu mais recente feito, traçando uma linha evolutiva em seu desempenho como um grupo musical.

E, lembrando mais uma vez as classificações das entrevistas propostas por Medina (2008), no caso das pautas voltadas à carreira, há com mais predominância o tipo testemunhal - uma vez que o repórter tenta resgatar determinados acontecimentos históricos de quem os vivenciou.

Logo, com a recorrência de pautas biográficas, há um interesse do público em descobrir de forma aprofundada sobre os assuntos abordados nas entrevistas, tanto por parte da fonte como indivíduo, ou porta-voz de sua banda.

# 5.4. A cena e os gêneros em debate

Durante a análise das entrevistas, foi possível notar que os assuntos mais recorrentes nas pautas não se limitam apenas aos feitos e particularidades de cada banda abordada - mas também temáticas que se remetem ao circuito heavy metal em geral, de acordo com a visão da fonte entrevistada.

Apesar de não ser o tema principal na grande maioria das pautas, questões a respeito do cenário geral e/ou específico geralmente aparecem em algumas entrevistas. No entanto, o assunto não se prende somente à opinião sobre a cena em si - também abordando os elementos que a compõem, como o atual mercado fonográfico e os diversos subgêneros do heavy metal.

Neste caso, mais especificamente, a abordagem mais frequente em pergunta é a respeito da opinião da fonte sobre a sua cena de origem - ou seja, direcionado ao cenário geográfico. Assim sendo, o entrevistado compartilha ao leitor (melhor dizendo, ao espectador da entrevista) um pouco sobre sua visão de seu cenário territorial, o que estabelece determinadas diferenças dentro do próprio circuito geral de seu gênero musical.

Analisando as últimas considerações sobre noção de cena elaborada por Straw, poder-se-ia afirmar que esta sublinha relações de todo tipo que são construídas no espaço, sejam aquelas negociadas em âmbito local, nacional e/ou global. No entanto, nesta valorização da espacialidade é preciso que se atente para o fato de que as apropriações e agenciamentos que se produzem em diferentes localidades - que transformam espaços em "lugares" (Santos, 1996 e 2005) - podem não ser exclusivos dos atores pesquisados. Em razão disso, é que se postula que o termo "territorialidade" e não de "território" (HERSCHMANN, 2013, p. 49).

Ainda, segundo Herschmann (2013), baseado nas teorias de Haesbaert (2002), o uso dos termos "territorialidade" e "multiterritorialidade" são mais adequados para analisar as dinâmicas dos grupos sociais, justamente pelas conexões que se darão dentro do cenário geral, e os elementos de diferentes circuitos geográficos do heavy metal compartilham entre si.

Um exemplo interessante sobre o uso da cena em pauta pode ser visto na entrevista com Caio Mendonça, guitarrista da banda *Lacerared And Carbonized*, conduzida por Christiano K.O.D.A, na edição 178.

R.C.: Quais os maiores desafios encontrados por vocês para sobreviverem no underground nacional?

Caio: Os maiores desafios no Brasil são provocados pelo alto preço que temos que pagar de imposto. Tudo no Brasil é muito caro: equipamentos, cursos de profissionalização, combustível... Chega a ser vergonhoso você conseguir uma turnê por toda América do Sul e Europa e ver que seu país é muito despreparado, com menos profissionais atuando no underground, piores equipamentos e pior estrutura<sup>50</sup>.

Neste caso, o músico compartilha uma realidade que outras bandas brasileiras ainda no underground também possam vivenciar. Em seguida, na mesma entrevista, o repórter já especifica um pouco mais a noção de cena em relação à territorialidade. Como pode ser conferido no trecho a seguir, o entrevistador foca no cenário regional em que a Lacerared And Carbonized está inserida.

R.C.: A cena underground carioca hoje parece ser uma das melhores, senão a melhor do país. Tem vocês, Coldblood, Unearthly, Gutted Souls, Forceps, Dark Tower, Orrör, Enginesof Torture, etc. Vocês são unidos? Como é a relação entre as bandas?

Caio: Concordo com o que você disse sobre a cena carioca. Temos muitas bandas na ativa aqui no Rio, lançando ótimos álbuns e fazendo turnês. Tenho uma proximidade grande com todas as bandas que você citou e, além da amizade, curto muito o som de todas elas<sup>51</sup>.

<sup>51</sup> K.O.D.A, Christiano. **Lacerated And Carbonized: A cruel face do Rio de Janeiro**. Roadie Crew. p.74, Ed. 178, Novembro, 2013.

<sup>&</sup>lt;sup>50</sup> K.O.D.A, Christiano. **Lacerated And Carbonized: A cruel face do Rio de Janeiro**. Roadie Crew. p.74, Ed. 178, Novembro, 2013.

Outro exemplo é com a banda sueca *Amon Amarth*, destaque na edição 175, em que o entrevistador Claudio Vicentin procura fazer uma comparação da cena regional em que a fonte pertence em relação às outras nas quais vivenciou.

R.C.: Vocês já viajaram o mundo fazendo shows. Como comparam a cena em outros países com a da Escandinávia?

Hegg: Acho que a cena na Escandinávia é dividida entre os muitos fãs que gostam das bandas mais antigas, como Iron Maiden e Judas Priest, e o mais jovens, que estão mais na linha do Metalcore. De alguma maneira nós entramos no meio de tudo isso (risos)<sup>52</sup>.

Também é interessante destacar como exemplo a entrevista com a banda israelense *Orphaned Land*, na edição 176, também por Claudio Vicentin, em que a maioria das perguntas aborda a origem do grupo (o que pode levar a crer que o assunto seja sua pauta principal). Além disso, em outras questões sobre temas distintos, a sua nacionalidade ainda é lembrada.

R.C.: Ser de Israel, no Oriente Médio, torna as coisas mais fáceis ou mais difíceis para a banda?

Kobi Farhi: Na verdade, é mais difícil para nós porque para nos locomovermos para as turnês é complicado. As viagens são sempre longas. Se morássemos na Europa ficaria fácil, mas para irmos a qualquer lugar que seja é sempre mais caro. Além disso, exige muito investimento e planejamento. Mas aceitamos isso de maneira tranquila porque somos do Oriente Médio e precisamos continuar morando aqui para desenvolver nossa música, que é única. Ninguém no mundo consegue criar uma música da maneira que criamos e isso compensa em alguns pontos<sup>53</sup>.

No trecho descrito acima, é curioso notar que, apesar das dificuldades logísticas enfrentadas devido à sua localidade, a fonte também ressalta que a originalidade de sua música é proveniente de seu espaço geográfico – uma vez que o *Orphaned Land* mescla influências da música tradicional do Oriente Médio com os elementos típicos do heavy metal.

Ainda com as bandas internacionais, algumas questões buscam trazer uma explicação dos elementos conhecidos mundialmente que constituem uma determinada cena. Um exemplo está na entrevista com a banda finlandesa *Children Of Bodom*.

R.C.: Por que surgem tantas bandas de Black Metal na Escandinávia? Alexi: Entendo o motivo da sua pergunta, mas infelizmente não sei a resposta. Muita gente me pergunta isso porque sou da Escandinávia. Deve ter a ver com o fato de lá fazer muito frio... E também porque está sempre

<sup>53</sup> VICENTIN, Claudio. **Orphaned Land: Heavy Metal leva paz ao Oriente Médio**. Roadie Crew. p. 56, Ed. 176, Setembro, 2013.

<sup>&</sup>lt;sup>52</sup> VICENTIN, Claudio. Amon Amarth: A trilha sonora dos vikings e dos Headbangers. Roadie Crew. p. 20, Ed. 175, Agosto, 2013.

nublado. Não sei. E gostaria de saber. Mas deve ter a ver com a mentalidade do povo escandinavo<sup>54</sup>.

Neste caso, o entrevistado não sabe responder exatamente o motivo de determinado subgênero ser predominante em sua região de origem. Mas, mais uma vez, alega que a tradição e outros fatores que interferem nos moldes de sua sociedade podem ser considerados como causa.

Apesar das diferentes localidades - lembrando-se das diversas culturas que as constituem - estas entrevistas trazem uma noção de proximidade ao leitor, pois, além de pertencerem a uma mesma tribo de dimensão mundial, a fonte leva ao espectador o diferencial de sua cena, o que, de certa forma, interfere e colabora na constituição no cenário geral do heavy metal. E, retomando alguns conceitos de Herschmann (2013), a noção de territorialidade sônico-musical tem sido utilizada com frequência nas pesquisas mais recentes, "em que enfatizam diretamente os aspectos espaciais, buscando a compreender a dinâmica dos agrupamentos sociais (a maioria composta por jovens), que giram em torno de gêneros musicais os quais vêm reconfigurando temporariamente determinados espaços".

Além disso, o autor também lembra que os agenciamentos a respeito da espacialidade se remetem a atores que resignam fronteiras que estão sempre mudando, devido ao constante fluxo de interesses e demandas negociadas entre os envolvidos.

Também vale observar que o tema sobre a cena - sendo ela local, nacional e/ou global - gera uma espécie de debate entre os agentes (entrevistador, fonte, leitor), uma vez que o entrevistado compartilha sua opinião a respeito de uma realidade com os demais integrantes da tribo, sendo vivenciada diretamente ou indiretamente.

Outro assunto em pauta relacionado ao circuito heavy metal, e que consequentemente pode gerar um debate, é a respeito do atual mercado fonográfico e os novos formatos para se fazer e vender música. Dois exemplos deste fato podem ser vistos na edição 168: o primeiro é com Fernando Ribeiro, da banda portuguesa *Moonspell*, pelo colaborador Heverton Souza; e o segundo com o músico David DeFeis, da *Virgin Steele*, conduzida por Thiago Sarkis.

R.C.: O mercado fonográfico em geral tem cada vez mais se adaptando à internet, lançando materiais exclusivos pela rede ou até mesmo álbuns completos, mas isso ainda não aplica com muita força ao Metal. Até quando você acredita que o Metal se manterá mais aberto a velhos formatos diante dessa realidade?

Fernando: Só nos adaptamos por pura obrigação. Para mim, ouvir música não é colecionar e se compro coisas no iTunes é por puro comodismo ou por

<sup>&</sup>lt;sup>54</sup> ROSEN, Steven. **Children Of Bodom: Explorando novos territórios**. Roadie Crew. p. 68, Ed. 176, Setembro, 2013.

não ter tempo de ir a uma loja de discos. Esses novos formatos e ideias estão matando a essência do ato de paixão que é ouvir música, ler as letras, abrir o encarte. A música passou para um plano secundário, música de fundo enquanto estamos em um chat com amigos. Perdeu a dedicação, mas não de todos nós. O Moonspell trabalha para quem ama música como nós! Temos que estar ativos e atualizados, mas pessoalmente não damos a nossa música online. Custou para fazer! Conosco ou se compra ou se rouba, isso sempre que as pessoas tenham a oportunidade de comprar. Em certos países, como no Oriente Médio, os fãs só podem fazer download, pois os discos são proibidos, mas isso é diferente. Crowdfunding, Soundcloud, o que quer que seja, não é mais fácil comprar o disco?<sup>55</sup>

R.C.: Não é um projeto grandioso demais lançar três álbuns assim em uma era em que o MP3 impera?

David: Nós sempre faremos coisas grandes demais para a atualidade. O Virgin Steele é assim. Não dou a mínima para o que as pessoas poderão falar. Não fede e nem cheira o que o mercado diz acerca do que deveremos fazer. A indústria musical está falida, jogada em uma privada. Tenho sérias dúvidas se alguém no mundo está fazendo de fato muito dinheiro com a música hoje. Exceto por shows e coisas assim, não dá para ganhar muito com discos em uma era de MP3, Youtube e tantas outras coisas do tipo. Não importa. Vou me agradar, vamos nos agradar com o que fazemos e torcemos para que as pessoas curtam o nosso trabalho, porque nós curtimos e muito! [...]<sup>56</sup>.

Através das declarações de ambos os entrevistados é possível observar que o novo formato digital é um assunto que rende debate no meio heavy metal, principalmente por parte dos músicos. E, nos dois casos, os entrevistados possuem opiniões semelhantes, os quais não estão dispostos a mudar a sua produção por conta da revolução digital no mercado fonográfico.

Além disso, tratando-se do mercado, é válido lembrar que aqueles que estão diretamente envolvidos com a música – ou seja, os integrantes das bandas – transmitirão ao público a sua opinião e até mesmo dificuldades e desafios enfrentados perante aos novos formatos de aquisição das obras das bandas. Logo, os grupos irão compartilhar uma realidade ao público, o qual não possui muito conhecimento a respeito desta parte do circuito.

Conforme mencionado anteriormente, assuntos sobre os subgêneros do heavy metal também podem ser pautados. Sendo assim, uma das formas em que é abordado nas entrevistadas da *Roadie Crew* é a opinião da banda a respeito de seu próprio estilo. Um exemplo está na entrevista com o guitarrista Helyad Amaro, da banda brasileira *Fire Strike*, localizada na seção "Cenário", na edição 178.

R.C.: Como você comentou, a música do Fire Strike é calcada na escola oitentista do Heavy Metal e a faixa Streets Of Fire, por exemplo, deixa isso

<sup>&</sup>lt;sup>55</sup> SOUZA, Heverton. **Moonspell: Famintos como lobos**. Roadie Crew. p. 50, Ed. 168, Janeiro, 2013.

<sup>&</sup>lt;sup>56</sup> SARKIS, Thiago. Virgin Steele: Extravagente. Roadie Crew. p.70, Ed. 168, Janeiro, 2013.

claro. Como manter essa ideologia numa época em que poucos optam pelo Metal Tradicional? De que forma são trabalhadas essas influências? Helyad: A gente mantém essa ideologia de forma natural porque realmente gostamos! As nossas influências são trabalhadas diariamente ao som do vinil, regadas com muito Judas Priest, Grim Reaper, Iron Maiden, Hellion, King Diamond e muitos outros que poderia citar aqui<sup>57</sup>.

Outro exemplo, presente na mesma edição, está na entrevista com o músico alemão Arkadius Antonik, da banda *Suidakra*, em que o entrevistador Claudio Vicentin aprofunda de forma mais direta as origens do gênero musical da banda em questão.

R.C.: O Skyclad é o pioneiro do estilo Folk Metal em sua opinião? Arkadius: Sim! Eles foram essenciais para o estilo, mostraram o caminho, mas infelizmente não parecem ter tido o reconhecimento que mereciam. Durante os últimos anos eles até lançaram alguns álbuns, mas não conseguiram o mesmo impacto que tiveram no início dos anos 90. Já o Suidrakra tem sua relevância dentro do estilo hoje em dia e nos sentimos afortunados por estarmos na ativa até hoje. Tem muitas bandas desse estilo que apareceram e sumiram rapidamente. Talvez estejamos aí até hoje porque colocamos nossas influências com naturalidade, sem forçar nada<sup>58</sup>.

Também é interessante mostrar que, em seguida, na mesma entrevista, há uma questão a respeito do estilo da *Suidakra* em relação à sua origem territorial, o que remete novamente ao tema das cenas musicais discutido anteriormente – mas, desta vez, mais direcionada à cena de um subgênero em determinado espaço geográfico.

R.C.: É difícil ser uma banda alemã tocando Celtic Metal sendo que a maioria das bandas nesse estilo vem de países como Suécia, Finlândia e Inglaterra?

Arkadius: Eu não sei porque a maioria das bandas de nosso estilo vem desses países. Na Alemanha temos mais algumas outras bandas, mas nada comparado com a Escandinávia, por exemplo. O fato é que sempre alguém me pergunta por que eu faço esse estilo de música sendo alemão, mas muitos esquecem que os celtas se instalaram na Alemanha e se espalharam por toda a Europa. Outro ponto controverso é a gaita de fole. Muitos ligam a gaita de fole com a Escócia e não tem nada a ver. Ninguém sabe com precisão a origem desse instrumento<sup>59</sup>.

Ainda sobre os subgêneros do heavy metal, outra forma de serem abordados em pauta é a questão sobre a fusão de vários estilos em uma só música, o que faz com que a banda não tenha um único gênero, tornando-a até difícil de ser rotulada como tal. Um exemplo pode ser visto na entrevista com a banda brasileira *Darkside*, na edição 176, por Pedro Humangous, na seção "Cenário".

<sup>58</sup> VICENTIN, Claudio. **Suidakra: Histórias interessantes para uma música única!** Roadie Crew. p. 34, Ed. 178, Novembro, 2013.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>57</sup> PIMENTEL, Thiago. Fire Strike: Tradicional ao extremo. Roadie Crew. p. 7, Ed. 178, Novembro, 2013.

R.C.: O Thrash Metal vem sendo reciclado ao longo dos anos, ganhando novas roupagens através da fusão com outros estilos. Além disso, há um "revival" dos anos 80, levando a cabo por nomes como Violator e afins. O que vocês acham dessa mistura que algumas bandas fazem? E sobre esse resgate dos anos 80, é válido ou não agrega em nada?

Tales: Quando a imprensa mundial declarou a morte do Metal nos anos 90, ele teve que retrair do "mainstream" para poder se reencontrar no seu lugar, que é o undergroud. Essa onda retrô vem para confirmar a importância do estilo, que está sendo estudado, reproduzido e aprimorado para ser perpetuado, como ocorreu com a hoje chamada Música Clássica e com o Jazz. Obviamente, os meros copiadores serão cuspidos fora<sup>60</sup>.

Na edição anterior, o mesmo entrevistador elaborou uma questão com um cunho semelhante para Caio Duarte, da também brasileira *Dynahead*.

R.C.: Muitos dizem ser necessário ter a mente aberta para poder desfrutar do som apresentado por vocês. Você acha que ainda hoje as pessoas estranham a mistura de estilos que fogem um pouco do Metal, digamos, convencional? Caio Duarte: O Metal é composto por várias 'tribos' e fãs com diferentes formas de pensar, e grande parte do público tende a ser purista e apegado ao passado. Acho essa forma de pensar bem engraçada, afinal o que é considerado 'clássico' hoje foi vanguarda um dia. Felizmente, cada vez mais o público vai questionando essa mentalidade e procurando sons mais desafiadores, e é para eles que fazemos nossa música<sup>61</sup>.

Em ambos os casos, é possível notar que há um contexto que permite que o entrevistador elabore uma questão sobre o assunto, o qual está relacionado ao próprio estilo da banda entrevistada, suas modificações (como a fusão de outros gêneros) e evoluções ao longo dos anos, sendo realizadas pela própria banda pautada ou por outros membros da tribo.

Por fim, os temas que abordam o circuito heavy metal mais recorrentes nas entrevistas da *Roadie Crew* são relacionados às cenas e à questão dos subgêneros – mas não se esquecendo de outros que também podem surgir em algumas pautas, como o próprio mercado fonográfico.

Logo, tais assuntos também podem ser considerados como aqueles que mais repercutem e geram discurso - ou seja, o debate – em meio ao circuito heavy metal, já que a fonte lança sua opinião em entrevista, compartilhando uma visão para aqueles que também estão envolvidos diretamente (ou indiretamente, como no caso das cenas geográficas) no assunto em questão.

<sup>61</sup> HUMANGOUS, Pedro. **Dynahead: O quebra-cabeça do Metal nacional**. p. 90, Ed. 175, Agosto, 2013.

<sup>&</sup>lt;sup>60</sup> HUMANGOUS, Pedro. **Darkside: O lado negro do Ceará**. Roadie Crew. p. 6, Ed. 176, Setembro, 2013.

## 6. O fluxo e o debate dos conteúdos na Roadie Crew

Ao analisar os temas mais presentes nas entrevistas, e levando em consideração a problemática inicial deste trabalho, pode-se dizer que o circuito da revista *Roadie Crew* é constituído por: seus critérios de noticiabilidade, os quais são refletidos em seu conteúdo; o gancho jornalístico, que também irá construir a pauta; o fluxo dos temas recorrentes nas edições; e o debate que será instaurado entre os agentes.

Observa-se, pela análise, que o circuito criado pela revista – ou seja, o próprio circuito *Roadie Crew* – seja o resultado de uma interação entre o circuito da cena musical heavy metal (em que a própria revista e seus leitores estão inseridos) com o circuito jornalístico, o qual também oferece pilares para a criação de sua estrutura como meio de comunicação.

Logo, o circuito heavy metal – ou melhor, o atual cenário – proporciona à revista os acontecimentos que poderão ser considerados como o gancho jornalístico, para serem transformados em uma pauta noticiável em seguida. Porém, para ser constituído em pauta jornalística, o acontecimento precisa estar de acordo com os padrões de noticiabilidade da revista que, logo, poderão levar à construção de seu conteúdo.

Em relação aos conteúdos analisados, que através deles é possível observar os critérios de seleção ligados à noticiabilidade, tratam-se dos feitos das bandas de heavy metal, os quais se referem: ao lançamento de um novo trabalho; um show que aconteceu e/ou ainda irá ocorrer; e ao evento da celebração de carreira, que gera um discurso biográfico.

Além disso, é possível perceber que o conteúdo noticiável também está ligado a quatro elementos: o tempo, o espaço (sendo em questões geográficas e/ou culturais), o gênero musical e o mercado - os quais levam a um fluxo dentro da revista, além de render o debate. Vale lembrar que tais elementos não só estão presentes na constituição do conteúdo das entrevistas, como também em outras seções, principalmente nas resenhas.

Conforme já discutido anteriormente, a entrevista não é um objeto isolado na revista, mas estando em conexão com outras seções - o que reforça ainda mais a ideia do fluxo dos temas nas edições. A respeito disso, dois exemplos podem ser conferidos com as bandas *Destruction* e *Carcass*, que foram destaques em suas respectivas edições.

A banda *Destruction* foi a entrevista principal na edição 168, em que discutia sobre o seu novo álbum, seus próximos shows no Brasil, e seus 30 anos de carreira. Na mesma edição, na seção *Releases*, há a resenha do CD que foi levado em pauta na entrevista. Em seguida, na edição 170, a seção *Live Evil* traz a resenha de um dos shows da *Destruction* no Brasil, o que também foi assunto na entrevista meses atrás.

O mesmo acontece com a banda *Carcass* - porém, a sua primeira aparição na revista em 2013 está na seção *Live Evil* da edição 172, em que há uma crítica de sua apresentação no Brasil. Quatro meses depois, na edição 176, a banda é a entrevista principal, onde comenta sobre seu show no país, e também discute sobre o seu novo álbum - o qual também aparece resenhado na seção *Releases* na mesma edição.

Com essas duas exemplificações, é possível perceber o fluxo dos conteúdos noticiáveis na revista, que não só se limitam às entrevistas, mas também conectados às seções de caráter opinativo - uma vez que, retomando os conceitos do jornalismo de rock, assim como as características das revistas brasileiras, o veículo especializado em rock/heavy metal é constituído principalmente pelas resenhas e entrevistas.

Sobre o debate, é válido lembrar o conceito proposto por Santi Jr. (2009), em que as representações são movimentadas ao longo da cadeia de *produção - textos - leituras*, o que pode gerar o discurso. Sendo assim, relembrando os assuntos que proporcionam o debate no circuito heavy metal, como as questões de gênero e mercado, cria-se uma discussão nas entrevistas, onde envolve entrevistador, fonte e leitor - há o debate direto entre entrevistador e fonte, e seu conteúdo gerado também pode promover discussão ao espectador.

Além das entrevistas, o debate também está presente nas resenhas de lançamentos e shows - uma vez que se trata de um gênero jornalístico de caráter opinativo.

Há também a resenha, muito comum no jornalismo brasileiro, que está mais concentrada em falar sobre o autor, sobre sua importância, seus modos, seus temas, sua recepção, do que em analisar aquela obra específica ou sua contribuição intelectual ou artística no conjunto. Ela poderia ter o trunfo de criar termos para um debate sobre a ascensão ou o desconhecimento daquele determinado autor, olhando para sua recepção cultural (por que ele faz ou não sucesso?), mas isso raramente ocorre. O que está na moda tem algum significado, mas não tem necessariamente qualidade (e vice-versa) (PIZA, 2011, p. 71).

Conforme pode ser visto nos conceitos sugeridos por Piza (2011), a resenha pode colaborar na criação de um debate sobre a obra e autor. No caso da *Roadie Crew*, para julgar o produto em questão, a crítica trará assuntos também debatidos em entrevistas, assim como em seu circuito, como as noções de gêneros musicais, e as características e particulares da banda abordada. Vale lembrar, mais uma vez, que as resenhas trazem objetos (lançamentos e shows) que também são transformados em conteúdos noticiáveis nas pautas jornalísticas das entrevistas.

Por fim, o fluxo dos conteúdos dentro da revista e o debate gerado por eles são resultados dos elementos considerados noticiáveis pela *Roadie Crew* que, além de trazer o

produto cultural produzido pelas bandas, também envolve as noções de tempo, territorialidade, gênero musical e mercado - conteúdos que estão mobilizados nas entrevistas em conexão com outras seções.

## 7. Considerações finais

Tratando-se de uma vertente ainda mais segmentada do jornalismo cultural, o jornalismo de rock continua atendendo aos interesses do público consumidor da música rock e seus gêneros derivados - como no caso, o heavy metal. No entanto, esse tipo de jornalismo não se baseia apenas na música em si, como também nos acontecimentos, costumes e características que constituem o grupo sociocultural que se organiza em torno de sua preferência pelo rock/heavy metal. Em outras palavras, o jornalismo de rock está inserido em uma cena musical, onde também se encontra o seu público, usufruindo de seus elementos para a criação de conteúdo, assim como pode colaborar na constituição de seu cenário.

Em relação à sua estrutura, o jornalismo de rock é ainda composto basicamente por resenhas, notícias e entrevistas. E, considerando as revistas como um dos principais veículos dessa especialização desde os seus primórdios, também trazem o seu conteúdo a partir desses gêneros jornalísticos, principalmente direcionados ao teor mais opinativo e relativamente atemporal, levando em consideração a sua periodicidade. Logo, nas revistas especializadas em rock, há o predomínio das críticas (lançamentos e shows) e entrevistas – nessa em que poderá trazer o conteúdo informativo (os acontecimentos), e a opinião do entrevistador e fonte.

Neste trabalho, foi possível observar que o heavy metal, considerando-o como objeto, possui seus cenários compostos por indivíduos que compartilham ideias e preferências em comum, mas em diferentes localidades geográficas. Porém, estes espaços distintos podem influenciar nas características de sua cena, o que promove diferenças de um cenário para o outro. Ou seja, os elementos culturais e outros aspectos de um dado território podem afetar na identidade de suas cenas musicais. Como, por exemplo, o porquê de um subgênero ser mais predominante em um local do que em outro.

Já entre as características que compõem o circuito heavy metal como um todo, estão os acontecimentos, que são considerados impactantes pelos seus membros, o que gera o debate. Tais acontecimentos envolvem principalmente as bandas – sendo elas um dos agentes responsáveis pela organização da tribo heavy metal – como lançamentos de CDs, apresentações ao vivo, e particularidades de cada grupo musical, como uma nova formação e a morte de um músico.

Retomando a uma das ideias iniciais deste trabalho, a respeito dos critérios de seleção de conteúdo na revista *Roadie Crew*, foi observado durante a análise que os temas mais recorrentes em suas pautas se tratam de lançamentos de CDs/DVDs, shows (sendo no Brasil

ou em outro lugar que causa impacto na cena) e comemorações de carreira. Conforme analisado, esses assuntos se encontram nas variadas seções da revista ao longo das edições - mas serão nas entrevistas em que se encontrarão, servindo como um eixo no fluxo dos conteúdos em seu circuito. Também são nas entrevistas em que há o material informativo mesclado ao opinativo. E, além dos acontecimentos promovidos pelas bandas, temas sobre os subgêneros, fãs e a cena em si também são ressaltados nas pautas da *Roadie Crew*.

Apesar de ser um meio segmentado a um público muito específico, alguns conceitos de valores-notícias se aplicam aos temas analisados na *Roadie Crew* – como os critérios substantivos e contextuais, que dizem a respeito da notoriedade, proximidade, relevância, novidade e o tempo, dados aos acontecimentos e seus agentes.

Mas, em termos gerais, é possível concluir que, para uma banda ser publicada na *Roadie Crew*, precisa estar de acordo com os seguintes fundamentos: lançar um novo material; realizar e/ou já ter feito um show no Brasil; e estar comemorando carreira. Logo, o fluxo desses conteúdos na revista significa um reflexo do cenário heavy metal como um todo, principalmente em relação aos interesses de seus membros.

Já a respeito dos circuitos, que são a outra ideia para esta pesquisa, conclui-se que o circuito criado pela *Roadie Crew* consiste inicialmente a partir dos elementos do circuito jornalístico e heavy metal. O circuito jornalístico, mesmo que possa atuar de forma indireta, dá as bases para a revista como um meio de comunicação. Como, por exemplo, as noções para a criação de seus fundamentos seletivos de conteúdo, e a cadeia de produção de sentido. Já o circuito heavy metal, em que a própria *Roadie Crew* está inserida, é também onde a revista irá extrair os acontecimentos e elementos julgados como fundamentais para a cena, sendo transformados em pautas jornalísticas em seguida.

E, relembrando a ideia da cena em relação à localidade geográfica, o circuito *Roadie Crew* também é capaz de promover uma sensação de proximidade entre os diferentes cenários por meio de seu debate criado entre os agentes, em que se transmite conhecimento a respeito das particularidades e semelhanças de cada cena ao seu leitor.

Em uma perspectiva jornalística, a *Roadie Crew* possui seus padrões para julgar aquilo que é noticiável, de acordo com os acontecimentos considerados impactantes na cena musical em que está inserida. Além disso, a revista também faz uso de gêneros jornalísticos, sendo eles informativos e opinativos. Vale ressaltar, mais uma vez, a produção do debate, gerada em meio ao fluxo criado no circuito *Roadie Crew*, que não ocorre apenas entre fonte e entrevistador, como também entre os leitores, fãs de heavy metal (um exemplo desse fato pode estar na "carta do leitor").

Logo, no circuito *Roadie Crew*, a revista irá destrinchar os assuntos mais recorrentes, principalmente por meio das entrevistas, oferecendo ao público a própria voz dos autores (as bandas), e também de seus profissionais, o que também acontece nas resenhas. Assim sendo, a *Roadie Crew* devolve ao circuito em que está localizada os seus próprios fatos e acontecimentos, porém mais explicados, estabelecendo uma mediação entre bandas e público. Ou seja, o circuito *Roadie Crew* e o circuito heavy metal passam por um processo de retroalimentação - uma vez que a revista também pode ajudar na constituição de seu próprio cenário, devolvendo a ele seus fatos que foram explorados através das técnicas da *Roadie Crew* como um meio jornalístico.

## Referências bibliográficas

ABIAHY, Ana Carolina de Araújo. **O jornalismo especializado na sociedade da informação**. 2000. Universidade Federal da Paraíba.

ALMEIDA, Roberto; FRANÇA, Almeida. **O acontecimento e seus públicos: um estudo de caso.**Disponível em <a href="http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/viewFile/3535/2">http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/viewFile/3535/2</a> 588
. Acesso em 22 ab. 2014.

AMARAL, Luiz. **Técnicas de jornal e periódico**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro; INL, 1978.

ARNETT, Jeffrey Jensen (1996). *Metalheads: Heavy Metal Music and Adolescent Alienation*. 1996.

BRANDINI, Valéria. **Cenários do rock: mercado, produção e tendências no Brasil**. São Paulo: Olho d'Água / FAPESP, 2004.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad.Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EdUSP, 2000.

CHRISTE, Ian. Heavy Metal: A história completa. 1. Ed. São Paulo: Ed. Arx, 2004.

ERBOLATO, Mário. Jornalismo Especializado. São Paulo, Atlas. 1981.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Circuitos de cultura/circuitos de comunicação: Um protocolo analítico de integração da produção e da recepção. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**/Escola Superior de Propaganda e Marketing. V. 4, n 11. São Paulo: Ed. ESPM, 2007. Disponível em <a href="http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/111/112">http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/111/112</a>. Acesso em 26 maio, 2014.

FILHO, Jorge Luiz Cunha Cardoso. Caos peso e celebração: uma abordagem do heavy metal a partir da noção de gênero mediático. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 28, 2005, Rio de Janeiro. Disponível em <a href="http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/1398283302912624850029910488468159173">http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/1398283302912624850029910488468159173</a> 20.pdf. Acesso em 23 mar. 2014

FILHO, Jorge Luiz Cunha Cardoso. **Música popular massiva na perspectiva midiática:** estratégias de agenciamento e configuração empregadas no heavy metal. Salvador, 2008.

FROTA, Joana Strunz da. **Análise da cobertura jornalística impressa dos eventos de Heavy Metal de Frederico Westphalen**. Artigo científico apresentado ao Curso de Comunicação Social. Universidade Federal de Santa Maria, Trabalho de Conclusão de Curso I Frederico Westphalen, 2012.

HAESBAERT, Rogério. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: *Território Territórios*. Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF. Niterói: UFF/AGB, 2002.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Unesco, 2003.

HERSCHMANN, Micael. **Cenas, Circuitos e Territorialidades Sônico-Musicais**. In: JUNIOR, Jeder Janotti; SÁ, Simone Pereira. *Cenas Musicais*. São Paulo: Anadarco Editora & Comunicação, 2013.

JUNIOR, Jeder Janotti. **Mídia, música popular massiva e gêneros musicais: a produção de sentido no formato canção a partir de suas condições de produção e reconhecimento**. Compós. 2006. Disponível em <a href="http://www.unicap.br/gtpsmid/pdf06/jeder-janotti\_jr.pdf">http://www.unicap.br/gtpsmid/pdf06/jeder-janotti\_jr.pdf</a>. Acesso em 23 mar. 2014

JUNIOR, Jeder Janotti. Música popular massiva e gêneros musicais: produção e consumo da canção na mídia. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, 2006. P. 31-47 Disponível em <a href="http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/69/70">http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/69/70</a>. Acesso em 23 mar. 2014

JUNIOR, Jeder Janotti; SÁ, Simone Pereira. **Cenas Musicais**. São Paulo: Anadarco Editora & Comunicação, 2013.

LAGE, Nilson. A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 6. ed. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2006.

LEÃO, Tom. **Heavy Metal – guitarras em fúria**. São Paulo: Editora 34, 1997.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. 5. ed. São Paulo: Ed. Ática, 2008.

MIRA, Maria Celeste. **Cultura e segmentação: um olhar através das revistas**. In: CHAIA, Miguel; SILVA, Ana Amélia. *Sociedade, cultura e política: ensaios críticos*. São Paulo: Ed. EDUC, 2004.

MORIN, Edgar. **A entrevista nas Ciências Sociais, no rádio e na televisão**. In: MOLES, Abraham et alii., *Linguagem da cultura de massa*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1973.

NAHOUM, Charles. A entrevista psicológica. São Paulo: Ed. Agir, 1976.

PIZA, Daniel. Jornalismo Cultural. 4. ed. São Paulo: Ed. Contexto, 2008.

SALDANHA, Rafael Machado. Rock em Revista: o jornalismo de rock no Brasil. Juiz de Fora: UFJF; Facom, 1. Sem. 2005.

SANTI, Vilso Junior Chierentin. **As representações no circuito das notícias: O movimento dos trabalhadores rurais sem-terra no jornal Zero Hora**. Santa Maria, 2009. Disponível em <a href="http://www.pucrs.br/famecos/pos/cartografias/artigos/dissertacao\_vilso.pdf">http://www.pucrs.br/famecos/pos/cartografias/artigos/dissertacao\_vilso.pdf</a> Acesso em 25 maio. 2014.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

SCHWAAB, Reges Toni; TAVARES, Frederico de Mello Brandão. A revista e o seu jornalismo. Ed. Penso, 2013.

SENRA, Flávio Pereira. Heavy Metal, uma nação pós-moderna? **Revista Litteris**. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em <a href="http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/RL\_11Heavy\_Metal\_Uma\_Nacao\_Pos\_Moderna\_FLAVIO\_PEREIRA\_SENRA\_(2).pdf">http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/RL\_11Heavy\_Metal\_Uma\_Nacao\_Pos\_Moderna\_FLAVIO\_PEREIRA\_SENRA\_(2).pdf</a> . Acesso em 27 maio. 2014.

SILVA, Jaime Luis da. O heavy metal na revista Rock Brigade: aproximações entre jornalismo musical e identidade juvenil. Porto Alegre, 2008. Disponível em <a href="http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/14932">http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/14932</a> . Acesso em: 12 maio. 2014.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. Intermitências cromáticas e temáticas nos movimentos de composição editorial da revista Vida Simples. **Revista Intexto**. Porto Alegre, 2012. Disponível em <a href="http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/31965">http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/31965</a> . Acesso em: 17 setembro. 2014.

TAVARES, Luiz Filipe. **O mercado do heavy metal e o drible na crise da indústria fonográfica**. 2009. Vírgula. Disponível em <a href="http://virgula.uol.com.br/legado/o-mercado-do-heavy-metal-e-o-drible-na-crise-da-industria-fonografica">http://virgula.uol.com.br/legado/o-mercado-do-heavy-metal-e-o-drible-na-crise-da-industria-fonografica</a>. Acesso em 27 maio. 2014.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional.** 3. ed. Florianópolis: Ed. Insular, 2008. v. 2.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: por que as notícias são como são**. 3. ed. Florianópolis: Ed. Insular, 2008. v. 1.

WEINSTEIN, Deena. Heavy Metal: the music and its culture. New York: De Capo, 1991.